

fundamentos

ANO V - N.º 28 - JUNHO 1952



DE VOLTA DA CONFERENCIA ECONOMICA DE MOSCOU

800

MILHÕES DE NOVOS CONSUMIDORES

Entrevista com RUBENS DO AMARAL

KOELLREUTER,

CHARLATÃO E PLAGIÁRIO

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

**JORGE AMADO
VOLTA AO BRASIL**

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



ÍNDICE

O Cinema Nacional	
<i>Alex Viany</i>	3
Poema e canção para libertar Duclos	
<i>Jorge Medauar</i>	5
Falarei da Paz	
<i>Jorge Amado</i>	7
Entrevista com Rubens do Amaral	
<i>Jaime Martins</i>	8
Açúcar, álcool e borracha sintética	
<i>Vilanova Artigas</i>	10
Stendhal: o mais antigo dos grandes pintores	14
Sétchenov, predecessor de Pavlov	
<i>João Belline Burza</i>	18
Guerra microbiana	22
Sobre o cinquentenário de "Os Sertões"	
<i>Clovis Moura</i>	24
Hans Joachin Koellreuter, charlatão e plagiário	
<i>Rossine Camargo Guarnieri</i> ...	26
Poema	
<i>Pedro Mossri</i>	29
Notas e notícias	30

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparicio Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Bráulio Pedrosa
Caio Prado Júnior
Clovis Graciano
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Graciliano Ramos
Gonçalves Machado
Ibiapaba Martins
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolas Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Rui Barbosa Cardoso
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio

DIRETOR PROPRIETARIO
Rui Barbosa Cardoso

REDATOR CHEFE
Afonso Schmidt

★

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

★

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9º andar — Sala 96 — São Paulo — Brasil

Carta ao Leitor

Prezado leitor,

Neste mês de junho de 1952, nossa revista termina o seu quarto ano de existência. Foi um período duro e difícil, no qual toda sorte de obstáculos tiveram que ser vencidos para que FUNDAMENTOS saísse regularmente.

Temos consciência, entretanto, de que o esforço dos nossos diretores e redatores não foi em vão. Prova-o a intensa repercussão de vários dos números publicados, e a ótima acolhida que mereceram quasi todos, por parte do público que nos lê.

Os doze últimos meses viram crescer ainda mais o prestígio de FUNDAMENTOS. E este quinto ano de trabalho que se inicia para nós, estamos seguros de vencê-los com o auxílio fraterno e entusiasta de um número muito maior de assinantes e leitores.

Certamente, FUNDAMENTOS tem ainda diversos pontos fracos. Muitos deles estão em via de serem corrigidos. Os que nos leem todos os meses, devem ter notado o esforço feito pela Redação para tornar a revista mais ampla, mais bonita, mais viva e agradável, mais pontual. E os êxitos alcançados neste sentido. Ainda agora, a partir deste número de aniversário, precisamente, voltamos às oficinas da "Revista dos Tribunais", sem favor uma das melhores empresas gráficas do país. Esta mudança nos permitirá obviar uma série de falhas impossíveis de corrigir na impressora de que nos servíamos, devido à sua capacidade limitada e ao acúmulo de serviços que, seguidamente, motivaram um atraso intolerável na publicação da nossa revista.

Neste capítulo da correção dos defeitos de FUNDAMENTOS, entretanto, a colaboração dos leitores é indispensável. E o objetivo desta *Carta*, que mensalmente publicamos, é justamente o de melhor informá-los sobre os problemas da revista, a fim de que possam participar de sua vida, auxiliá-la a vencer as dificuldades. Critiquem. Façam sugestões. Enviem escritos, notícias que mereçam comentário, desenhos e ilustrações. Organizem a ajuda material e financeira a FUNDAMENTOS, formem grupos de contribuintes mensais, recolham donativos, consigam novos assinantes. A nossa revista não teria problemas financeiros se cada um dos seus leitores fizesse alguns novos assinantes entre os seus amigos pessoais.

O quadro de assinantes deve ser a base de sustentação de FUNDAMENTOS, deve dar a medida da sua audiência, do seu prestígio, garantir a autonomia e a independência de que a nossa revista necessita.

LEIA
ASSINE
DIVULGUE

fundamentos

O CINEMA NACIONAL

ALEX VIANY

O inegável sucesso do I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro e a realização próxima do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, no Rio de Janeiro, correspondem exatamente ao período que atravessa o nosso cinema, até bem pouco estagnado, pela pressão dos monopólios estrangeiros e pela própria falta de união de nossos cineastas, numa mistura de empirismo, artesanato e aventura.

Agora que o cinema brasileiro dá os primeiros passos no caminho da industrialização, agora que a formação de quadros técnicos e artísticos nacionais se vai intensificando, agora que os filmes nativos de melhor nível começam a obter rendas muito superiores à renda média dos filmes estrangeiros, é chegado o momento de construir a nossa indústria em bases sólidas, defendendo-a de toda e qualquer investida dos monopólios estrangeiros e seus agentes nacionais.

Nesse sentido, o I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro foi uma contribuição valiosa, pois demonstrou que os profissionais da indústria cinematográfica, em grande parte, sabem de onde vem o perigo — e conhecem as melhores maneiras de enfrentá-lo. A Declaração de Princípios e as resoluções saídas do Congresso, que propôs a formação do Movimento de Defesa do Cinema Brasileiro, servem como um admirável programa de ação. Agora, é dever dos participantes no Congresso, a vanguarda desse Movimento, não deixar que tal programa fique no papel. É seu dever executá-lo sem perda de tempo, seguindo o exemplo dos trabalhadores de cinema da França e da Itália, cujas indústrias nacionais há muito teriam naufragado não fôra pelas campanhas coesas e conscientes que se levantaram em sua defesa.

Quem quer que se aprofunde no estudo da situação em que se encontra o cinema brasileiro verá desde logo que não existe um problema de produção, um problema de distribuição, e um problema de exibição. A esse respeito, sem dúvida alguma, concordam todos aqueles que se têm dedicado à análise objetiva das condições atuais e das perspectivas de nosso cinema: o que existe, na realidade, é um problema só, complexo e difícil, com ramificações e desvios perigosos, mas exigindo uma solução ampla e geral. O que temos à frente é o problema da existência

e da sobrevivência do cinema brasileiro. Assim, de pouco adiantará a solução parcial de problemas da produção se também não forem solucionados os mais graves problemas com que se defronta o cinema brasileiro nos setores da distribuição e da exibição. E, por outro lado, não estará garantida a sobrevivência de nosso cinema apenas através de leis que assegurem a exibição de nossa produção no mercado interno.

O I CONGRESSO PAULISTA

Para que se encontre uma solução geral e satisfatória, é necessário procurar, antes de mais nada, a raiz dos males que afligem a nossa indústria cinematográfica nascente. E essa raiz, comum aos três setores de que falamos, é a crescente penetração dos monopólios estrangeiros, direta ou indiretamente, na estrutura do movimento cinematográfico brasileiro.

Diante do crescente desprestígio do cinema norte-americano entre as nossas platéias, não é de admirar que, a fim de assegurar a dominação de nosso mercado — um dos melhores do mundo — os monopólios estrangeiros, através de seus agentes no Brasil, queiram aumentar e aprofundar tal penetração, que tem por alvo a estagnação ou mesmo o desaparecimento do cinema brasileiro.

Por maior que já seja a penetração monopolista em nosso mercado cinematográfico, e por mais graves que sejam os efeitos da desnacionalização de nossa cultura através da importação indiscriminada de filmes estrangeiros, nosso povo, como qualquer outro povo, tem uma necessidade crescente de ver na tela o seu próprio cinema. E, por isso, sem um movimento consciente e coeso, capaz de defendê-lo de todas as investidas, abertas ou subterrâneas, dos monopólios estrangeiros e seus agentes nacionais, nosso cinema foi nascendo e crescendo, desordenadamente, muitas vezes imitando mal as piores características dos celuloides vindos de fora, mas cada dia adquirindo cores mais fortes de nacionalidade e, assim, interessando mais diretamente às platéias brasileiras.

Não nos cabe, aqui, analisar tal trajetória do cinema brasileiro. Fato é que, mesmo confusa e desordenadamente, veio dar num momento em que o cinema nacional, cada vez empolgando mais o

nosso público, apesar de seus graves defeitos de qualidade técnica e artística, passou a ser um ótimo negócio. Nasceram, então, dois grandes estúdios em São Paulo, e começaram a aparecer, às dúzias, novas produtoras no Rio, em São Paulo e outros centros.

Ante esse fato consumado, os agentes monopolistas mudaram de tática — tal como tinham mudado de tática, no setor do petróleo, quando não puderam mais dizer ao povo que não havia petróleo no Brasil. Uma vez que era impossível deter a marcha do cinema brasileiro, o melhor seria penetrar também nos setores de distribuição e produção, ao exemplo do que fizeram em outros países, notadamente na Inglaterra, no México, na França e na Itália. Não encontrando resistência da parte dos maiores produtores, que não viram sequer o ridículo de ter os seus filmes distribuídos dentro do Brasil por companhias estrangeiras, dentro em pouco esses agentes tinham concentrado em suas mãos a distribuição dos principais estúdios brasileiros. E, através da distribuição, os agentes monopolistas passaram a ter influência direta sobre



a produção desses estúdios. Com o passar do tempo, se os defensores da independência do cinema brasileiro não puseram em ação e não desenvolveram ainda mais o programa do Movimento, saído do I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, bem poderá acontecer no Brasil o que aconteceu na Inglaterra e quase aconteceu nos demais países já citados: a completa estagnação da produção cinematográfica nacional, através da dominação dos três setores pelos monopólios estrangeiros.

Por tudo isso é que reafirmamos a existência de um só problema geral do cinema brasileiro, ao qual estão necessariamente sujeitos todos os problemas parciais de produção, distribuição e exibição. Estamos certos de que todas as lutas e soluções parciais, se não fizerem parte do Movimento de Defesa do Cinema Brasileiro, acabarão por levar a uma confusão ainda maior — facilitando até a penetração dos monopolistas e seus agentes na estrutura de nossa cinematografia.

Assim é que, fortificando o Movimento, dando-lhe um verdadeiro âmbito nacional, os homens de cinema do Brasil, tendo por base a Declaração de Princípios e as resoluções do I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, devem chegar ao próximo I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro com uma capacidade ainda maior para o estudo e a discussão dos grandes problemas que impedem os nossos filmes de ocupar o seu devido lugar no mercado interno — e mesmo nos mercados internacionais.

É preciso que os homens de cinema conheçam os tratados internacionais do Brasil, que, de maneira direta ou indireta, afetem qualquer setor de nosso cinema. Muitos desses tratados tornam impossível a limitação da importação dos filmes estrangeiros, sem o que a produção nacional jamais terá a garantia de seu próprio mercado interno. É preciso que se dedique

especial atenção à questão das relações comerciais e do intercâmbio direto entre o Brasil e todos os países produtores de equipamento cinematográfico e filme virgem, a fim de que possamos negociar com aqueles que melhores condições oferecerem — e temos mesmo no Brasil, dentro em pouco, uma indústria de filme virgem capaz de suprir o mercado interno. É preciso encontrar uma solução justa e imediata para os problemas da sindicalização dos profissionais do cinema, do financiamento da produção, da distribuição, da formação de técnicos e artistas, da sobrevivência dos clubes de cinema — do próprio melhoramento técnico e artístico, que terá como consequência lógica o estabelecimento de uma tradição cinematográfica brasileira, inspirada, como diz a Declaração de Princípios do I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, pelos sentimentos de paz e progresso de nosso povo.

Até aqui, muita gente tem lutado, isolada e desordenadamente, ainda que com os mais altos intuídos patrióticos, pela consolidação de nossa indústria cinematográfica. Mas, em benefício do ideal comum de todos os que se entregam às lides do cinema, em benefício do próprio povo, que sempre incentivou o nosso cinema, torna-se evidente que uma frente comum de luta deve ser formada — uma frente em que sejam esquecidas todas as divergências secundárias. Nessa frente, que é o Movimento de Defesa do Cinema Brasileiro, só não estarão os inimigos de nosso cinema. Mas, assim, eles serão desmascarados mais rapidamente, e mais facilmente poderão ser combatidos.

Os defensores da independência do cinema brasileiro têm a seu lado o povo. E, com os profissionais do cinema à frente do Movimento de Defesa do Cinema Brasileiro, estamos certos de que nenhum monopólio, nenhuma influência estranha, poderá deter a marcha vitoriosa do cinema brasileiro.

Ao encerrar o I CONGRESSO PAULISTA DE CINEMA BRASILEIRO, em que profissionais de todas as categorias se reuniram e debateram livremente seus problemas, os paulistas chegaram a conclusões de caráter prático e que visam o progresso da cinematografia em nosso país.

Os cineastas paulistas verificaram com satisfação que já foi atingida a maturidade profissional e que chegou a hora de assumirem compromissos em defesa do cinema nacional, contra todas as forças e tendências que visam impedir o seu desenvolvimento. Queremos combater todas as histórias imorais e licenciosas, histórias que deseducam e que tendem a inspirar nos jovens instintos bestiais. Para isso precisamos inspirar-nos nas tradições literárias e folclóricas de nosso povo, fonte inesgotável de criação artística. Queremos combater os trustes, porque acreditamos que na livre concorrência e na emulação profissional encontraremos o estímulo para o progresso desta indústria.

Conscientes das grandes responsabilidades do cinema como o instrumento mais eficiente de difusão da cultura e da arte, assumimos solenemente o compromisso de utilizar com honestidade este instrumento em função do progresso econômico, moral e social de nosso povo.

Apelamos para todos os profissionais do cinema nacional para que se unam e, assim como neste congresso, ponham de lado suas divergências e procurem um caminho comum, o caminho que nos leve a um cinema nacional de alto nível técnico e artístico e de sadio conteúdo humano e social — um cinema livre de qualquer inspiração contrária aos ideais de paz, independência e progresso do povo brasileiro."



POEMA E CANÇÃO PARA LIBERTAR DUCLOS

JORGE MEDAUAR

Canção

Soltem Duclos
antes que a tarde
desça sombria
nos boulevards.

Soltem Duclos
antes que a noite
faça do Sena
um rio de pranto.

Ouví as pedras
ouví as árvores
ouví o vento:
— Soltem Duclos!

Antes que a morte
vos surpreenda
em cada esquina
— soltem Duclos!

Não imploramos,
nem suplicamos,
nós exigimos:
— soltem Duclos!

— Soltem Duclos!



Poema

Antes que a vergonha
na pátria dos maquis
cresça no chão
como-herva daninha
— soltem Duclos!

Antes que a vergonha
na pátria dos fusilados
vôe nos ares
como abutre noturno
— soltem Duclos!

Antes que a vergonha
na pátria da resistência
ancore no cáes
como negro navio
— soltem Duclos!



JORGE AMADO

Jorge Amado voltou ao Brasil. Os quatro anos que viveu longe de nós, exilado, praticamente, perseguido pelos que temem a sua voz poderosa de escritor e de patriota, fizeram-no crescer ainda mais na estima da nossa gente, projetaram através do mundo a sua figura excepcional de romancista que honra o nosso país.

Nascido em 10 de agosto de 1912, numa fazenda de cacau do sul do Estado da Bahia, Jorge Amado iniciou sua carreira literária com a publicação do romance «O País do Carnaval». Publicou depois «Cacau» (1933), «Suor» (1934), «Jubiabá» (1935), «Mar Morto» (1936), «Capitães da Areia» (1937), «ABC de Castro Alves» (1941), «Vida de Luís Carlos Prestes» (1942), «Terras do Sem Fim» (1943), «São Jorge dos Ilhéus» (1944), «Bahia de Todos os Santos» (1945), «Seara Vermelha» (1946), «O amor de Castro Alves» (1947), «O Mundo da Paz» (1951).

O romance «Mar Morto» obteve o prêmio Graça Aranha em 1946.

O conjunto da obra de Jorge Amado e sua atividade de escritor e combatente



da Paz, fizeram-no merecer, em 1951, o Prêmio Stalin da Paz.

Jorge Amado está traduzido em 24 línguas: francês, inglês, espanhol, russo, tcheco, italiano, polonês, slovaco, rumeno, sueco, holandês, chinês, húngaro, albanês, bulgaro, lituano, idich, grego, persa, hebreu, dinamarquês, mongol, alemão, servo-croata.

O seu livro mais traduzido é «Terras do Sem Fim», em 21 línguas, seguindo-se a «Vida de Luiz Carlos Prestes» e «São Jorge dos Ilhéus», ambos em 19 línguas, «Seara Vermelha» e «Jubiabá» em 18, «Mar Morto» em 16, «Capitães da areia» em 14, etc. A tiragem total das edições dos livros de Jorge Amado nas diversas línguas atinge alguns milhões de exemplares. Alguns dos mais importantes jornais europeus publicaram seus livros em folhetins, como «L'Humanité», de Paris. «Tribuna Lidu», de Varsovia, «Lidove Noviny», de Praga, «Vie Nuove», de Roma, «Lang of Folk», de Copenhague, «Sonntag», de Berlim, etc.

Neste ano devem aparecer pela primeira vez livros de Jorge Amado em japonês, árabe, usbek e georgiano.

Jorge Amado foi o primeiro escritor latino-americano a ser traduzido em línguas como o albanês, o búlgaro, o chinês, o mongol, o persa, o hebreu, o grego, o lituano.

As edições de livros de Jorge Amado em línguas estrangeiras atingiam em dezembro de 1951 a cifra de 156 edições.

A maioria dos livros de Jorge Amado está adaptada para o rádio. «Terras do Sem Fim» possui uma adaptação francesa para o rádio, várias vezes levada pela Radiofusion Française. «Vida de Luiz Carlos Prestes» foi adaptada ao rádio pelo escritor tcheco Jiri Verteu e constitui um grande sucesso da Radiofusão Tchecoslovaquia. Também «Capitães da Areia» foi adaptado ao rádio na Tchecoslovaquia e «Mar Morto» na Argentina pela Radio El Mundo.

«Terras do Sem Fim» está adaptada ademais ao teatro e ao cinema.

Jorge Amado é membro do Conselho Mundial da Paz e secretário geral dos Prêmios Internacionais da Paz que são anualmente conferidos pelo Conselho Mundial. É igualmente membro da Comissão de Cultura do Conselho Mundial.

Na qualidade presidente da delegação brasileira, Jorge Amado, participou do Congresso Mundial dos Intelectuais, realizado em Wroclow (Polónia), em agosto de 1948, do qual surgiu o poderoso movimento dos Partidários da Paz.

Atualmente, Jorge Amado trabalha em uma trilogia cujo primeiro volume, «Os Subterrâneos da Liberdade», deve aparecer brevemente.

FALAREI DA PAZ

JORGE AMADO

Vem comigo e te falarei da esperança e da certeza.

Nada te direi, amiga, dos cravos e das rosas, da papoula e da tulipa, da colorida geografia das flores. Nesta noite quasi morna esqueceremos o perfume dos jacintos e não entoarei o louvor dos teus olhos, não te falarei da doce primavera sôbre as ruas da cidade. Palavras de amor não te vou murmurar, silenciarei sôbre os teus cabelos, sôbre tuas mãos, sôbre a carícia dos teus lábios.

Da esperança e da certeza eu te falarei.

Eles, os assassinos, os pequenos homens criminosos que preparam a guerra, os dos vis interesses e da ignobil conspiração contra a humanidade, estão reunidos, planejando sua aventura de morte e de desgraça.

Por isso não falarei dos teus olhos, nem do gôsto dos teus lábios, nem do mavioso da tua voz. Falarei somente da certeza e da esperança.

Eles, os assassinos, os homens da guerra, os que querem matar os velhos e as crianças, os que ameaçam com a bomba atômica, estão reunidos contra o homem, contra a vida, contra a beleza e contra o amor. Estão reunidos contra mim e contra ti, contra o cravo e contra a rosa, contra a papoula e a açucena, contra a poesia e o amor. Não podemos, amiga, esconder-nos em nossa ternura, refugiar-nos fugitivos em nossa alegria. Porque também nossa ternura e nossa alegria, toda a ternura e toda a alegria do mundo estão ameaçadas. Tudo que é belo e bom, tudo que é dignidade do homem, tudo que é felicidade está ameaçado pelos monstros que tramam a guerra.

Estão ameaçadas as árvores e seus frutos, as mães e suas crianças inocentes, as jovens e seus sonhos de amor, o laboratório e o livro, a honra da mulher e a decência do homem.

Vês os vestidos claros, de cores alegres, das moças que passam, o sorriso feliz das jovens esposas com seus bem-amados, o cálido olhar da noiva que vai pelo braço apaixonado do seu noivo. Querem vestir de luto amargo, de pesadas côres negras, as moças tôdas do mundo; querem encher de lágrimas os olhos das esposas, de amargura o coração das mães, querem cortar para sempre a alegria da face das noivas. Eles, os assassinos, os homens da bomba atômica, os linchadores de negros, os que perseguem poetas e romancistas. Do alto dos seus cofres repletos de dólares eles ameaçam o mundo, ameaçam a ti, a mim e ao nosso amor, com a guerra, com a sua guerra injusta, criminosa e anti-humana.

Porisso, amiga, não será de amor que te falarei nessa noite de doce primavera se derramando sôbre nós. Não

me esconderei no refúgio da tua ternura, quero ficar contigo em meio dos homens lutando sua batalha, ganhando com eles a paz, a vida para o cravo e para a rosa, para as crianças e para os esposos e noivos. Só da esperança e da certeza eu te falarei nessa noite.

Porque conosco está a esperança e a certeza, conosco está a palavra definitiva e última, o gesto que impedirá o crime, a força que desarmará o braço assassino. Conosco amiga, que somos o povo, os pobres e os humildes, que não estamos assentados sôbre cofres, mas que temos os pés apoiados sôbre a terra. Nós que somos o povo, imortal e invencível. Conosco está a esperança e a certeza.

Não permitiremos que eles, os conspiradores da vil conspiração, cubram a primavera com a noite da guerra, esmaguem o calor humano das mães e das esposas com o frio dos campos de batalha, que eles substituam o amor pela morte. Somos o povo e a nós cabe resolver sôbre o homem e seu destino. Somos todos os povos reunidos e mais podem nossas mãos e nossos corações que as armas acumuladas. Mais poderosa é a nossa vontade universal. Dessa certeza te falo, amiga, dessa certeza de que derrotaremos os homens da guerra, de que os faremos recuar e de que amanhã a ameaça terá passado e marcharemos pelo caminho livre dos povos.

Amanhã, amiga, te direi palavras de amor, te falarei dos cravos e das rosas, da ternura dos teus olhos e do calor do teu sorriso. Amanhã quando a ameaça do crime houver passado. Amiga, tudo que amamos, tudo que faz a beleza e a dignidade da vida está em perigo. A branca farinha e o canto das aves, a jugosa fruta que mordem teus dentes e o livro de poemas que lêes enternecida, a criança que sorri e murmura um palavra inteligível em sua língua de infante e a velha avó de trêmulas mãos amantíssimas. Mas, tudo pode ser salvo se nos unimos e se colocamos a paz sôbre tôdas as coisas nessa hora incerta de ameaças. Nossa esperança, amiga, está nos povos, nossa certeza, amiga, está em sua união contra os criminosos.

Dá-me tua mão, saiamos pela rua, tomemos de outras mãos, de tôdas as mãos pacíficas, e juntas nossas mãos, as mãos de todos os povos, poderemos então falar das flores e da primavera, de teus olhos e do amor, porque mais fortes que o crime, mais fortes que os donos do dinheiro, mais fortes que tôda e qualquer ameaça, são os povos e a sua certeza, a sua decisão de paz. Hoje te direi apenas uma palavra, amiga, é também uma palavra de amor. Paz, eu te digo, paz a todos os homens, paz que todos os homens vamos juntos conquistar.

Jorge Amado, seu pai, sua filha Paloma e seu filho João.

Na página anterior, Jorge com sua sobrinha Janaina e uma coleção de edições estrangeiras dos seus romances. Fotografias de Rui Santos.



ENTREVISTA COM RUBENS DO AMARAL

800

milhões de novos consumidores

Tendo regressado de Moscou, onde, juntamente com uma delegação de técnicos, economistas e comerciantes brasileiros, onde compareceu à Conferência Econômica internacional, o vereador Rubens do Amaral, velho jornalista de São Paulo, foi entrevistado por FUNDAMENTOS. Transmitimos aqui, aos nossos leitores suas impressões sobre a Conferência, bem como sobre Moscou, o povo russo e a própria União Soviética.

Interpelado primeiramente sobre o andamento e as conclusões da Conferência Econômica, assim se manifestou o sr. Rubens do Amaral:

— Lamento que os nossos homens de negócios não tenham comparecido em massa, para verificar diretamente o que é que podemos vender e comprar no mundo inteiro, quer no Ocidente, quer no Oriente. O Intercâmbio comercial faria a livre prosperidade da nossa lavoura e da nossa indústria, nas exportações, e do nosso comércio, nas importações, que trariam o remédio, valorizando o cruzeiro, barateando a vida, elevando o salário real e melhorando o equilíbrio econômico-financeiro dos trabalhadores.

Quanto às possibilidades comerciais entre o Brasil e a União Soviética, a China e as Democracias Populares, o sr. Rubens do Amaral declarou que:

— O Oriente quer comprar-nos café, cacau, arroz, algodão, sisal, tecidos e outras mercadorias. Propõe-se a abastecer-nos de trigo e outros artigos de primeira necessidade. Para isso não nos exige divisas em dólar ou outra moeda.

JAIME MARTINS

Fará todos os negócios em cruzeiros.

A China está em condições de adquirir todo o estoque excedente de tecidos produzidos no Brasil. Ignoro, entretanto, as possibilidades práticas do negócio, quanto à URSS e a China, uma vez que não mantemos relações diplomáticas com os referidos países. A delegação brasileira se limitou a ouvir e anotar. Não tínhamos poderes para mais. Compete agora ao governo brasileiro criar as possibilidades para que os negócios se realizem.

E continuou:

— Houvesse liberdade de comércio, com pleno acesso, tanto às fontes de matérias primas como aos mercados de consumo, e os laços de interesse mútuo fariam a confraternização dos homens e das nações. O livre-câmbio estabeleceria na terra o reino da paz. Meus votos pessoais são porque o Brasil inicie ou desenvolva seu comércio com o Oriente. Há lá um mercado com 800 milhões de consumidores, grande parte de pequeno poder aquisitivo, mas representando massa tamanha, que assim tivéssemos nós produção para abastecê-la.

DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS NÃO IMPEDEM RELAÇÕES COMERCIAIS

— Em meu discurso, em nome da delegação brasileira, na Conferência Econômica Internacional de Moscou eu declarei: "os bons negócios fazem os bons amigos, indepen-

entes de regimes e de ideologias. Sou velho e convicto livre cambista. Penso, fundamentalmente, que o protecionismo é a guerra permanente, que de tempos em tempos explode em guerras militares. O intercâmbio comercial trará aproximações, entendimentos e compreensões em reciprocidades proveitosas para todos.

CONFERÊNCIA EXCLUSIVAMENTE ECONÔMICA

Como o sr. sabe, diversos jornais do Rio e de São Paulo, se esmeraram em qualificar a Conferência Econômica de Moscou, como "mais um golpe de propaganda soviética". Que nos diz com referência a isso?

— Nesse sentido — responderam o entrevistado — a Conferência foi perfeita. Nos prospectos e programas estabelecia-se taxativamente que eram proibidos debates políticos ou comparação de regimes econômico-sociais. Esse preceito foi seguido à risca, com uma quase exceção: o orador chinês atacou riamente os Estados Unidos, mas ainda assim só no tocante ao bloqueio econômico, sem tocar em assuntos de guerra ou política. Era como se um grupo de homens de negócios se houvesse reunido para tratar de negócios sem cogitar de coloridos políticos ou sociais, de qualquer natureza. Óvalá desse encontro emanem resultados práticos que desafogarão o mundo.

— Para mim, cada alfândega é uma fortaleza ameaçadora e cada tarifa uma arma agressiva. A livre troca significará relações, cordialidade, confraternização, e paz. Comprando, vendendo, trocando, os homens passarão a entender-se e, portanto, a respeitar-se.

MOSCOU — A VIDA E O POVO — TEATRO E CINEMA

Satisfeitos com as declarações do sr. Rubens do Amaral sobre a conferência econômica, quizemos, do velho jornalista, suas impressões sobre o que ele pôde observar nesses dez dias em Moscou.

— Muito pouco poderei dizer sobre Moscou e a União Soviética, onde estive somente dez dias, inclusive os de chegada e saída. Entretanto, sempre que havia oportunidade ia a uma exposição, a um templo, um teatro ou cinema. Estive no Kremlin, no mausoléu de Lênin. Visitei diversas igrejas ortodoxas e a sinagoga. Todas sempre movimentadas. Nas primeiras predomina a frequência de pessoas de mais de

O jornalista Rubens do Amaral com o redator de FUNDAMENTOS.





Delegados brasileiros à Conferência Econômica, passeando nas ruas da capital soviética.

quarenta anos. Na segunda observei pessoas de todas as idades.

— Acha que há liberdade religiosa na URSS?

— É absoluta a liberdade religiosa. O Estado ignora a religião. Somente quando se trata de algum templo de valor histórico o Estado interfere ajudando na conservação do mesmo.

E continuou:

— Assisti, no Teatro de Moscou, uma opereta, um ballet de alunos, um ballet folclórico e o ballet "Romeu e Julieta", tendo como solista a grande bailarina Ulanova. As salas sempre repletas e os frequentadores se distinguem entre pessoas de todas as camadas sociais. As mulheres trajavam simplesmente, com elegância, e não com luxo. No geral, acho que a mulher soviética não toma conhecimento da moda. Assisti também uma sessão de cinema em três dimensões. Estávamos, eu e mais alguns delegados brasileiros, sentados bem atrás, mas a cena era tão real que, quando apareceu na tela uma maçã, eu estendi o braço para ver se alcançava uma maçã...

GRANDIOSA RECEPÇÃO — POUCO POLICIAMENTO

— A recepção aos delegados foi um espetáculo deslumbrante. A cidade estava toda engalanada. O povo estava todo nas ruas e rompia constantemente os cordões de isolamento para se aproximar dos conferencistas. Uma coisa que observei nesse momento é que os policiais soviéticos não usam o cassetete. A

policia, usando apenas os braços, procurava conter a multidão.

Aproveitamos, então, para perguntar ao sr. Rubens do Amaral se ele notara muito policiamento em Moscou.

— Há mais policiamento no Câtete e nos Campos Elíseos do que em qualquer lugar que estive em Moscou. Notei um guarda no hotel em que estava, o "Nacional", antigo "Imperial", que equivale o "Espanada", de nossa capital, havendo porém, em Moscou, hotéis bem superiores, mais modernos, como o "Moscou" e o "Soviético". Vi também um guarda enfrente da embaixada norte americana, e no Kremlin, um, de cem em cem metros.

COMPLETA LIBERDADE DE LOCOMOÇÃO

— Tivemos transporte à vontade. A empresa "Intourist" esteve sempre à nossa disposição. De Praga para Moscou viajamos de avião. Um avião sem luxo, mas confortável e sem cintos. Em Moscou tivemos liberdade para fotografar e filmar tudo que vissemos. E assim fizemos. Filmamos e fotografamos a pé, de automóvel e no meio da multidão. Os filmes foram revelados em Moscou e todos foram devolvidos, sem exceção.

ABUNDÂNCIA DE VÍVERES — O POVO NAS RUAS — LIVROS BRASILEIROS

— As ruas de Moscou são sempre movimentadíssimas. Os "magazines", então, vivem superlotados. Assim como temos filas para ônibus em São Paulo, há filas para comprar

em Moscou. Entretanto, nada é racionado na União Soviética. Há completa abundância de víveres. O povo moscovita compra muitíssimo. Os oito dias que estive em Moscou não vi ninguém sem o agasalho necessário. Todos encapotados, muitos com gorros. As mulheres geralmente usam botas altas, elegantes. Nesses oito dias notei somente três pessoas com sapatos meios estragados. O resto, ótimo. Nas livrarias tive ocasião de ver muitos livros de Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos e Castro Alves, traduzidos para o russo. Em Praga notei o mesmo. Devemos essas traduções a Jorge Amado.

INTENSA PROPAGANDA DE PAZ

A propaganda de paz, desenvolvida pela imprensa soviética e pela Rádio de Moscou, é intensa. Não sei mesmo qual será a disposição do povo russo caso advenha uma guerra. Ele não estará preparado psicologicamente. O povo soviético está sendo preparado para uma era de paz.

"DEZ DIAS QUE ABALARAM SÃO PAULO"

Assim conclui, o sr. Rubens do Amaral, sua agradável entrevista com a reportagem de FUNDAMENTOS

— Pretendo escrever um livro, no qual relatarei minha viagem a URSS e o que pude observar na Conferência Econômica Internacional de Moscou. Esse livro deverá se chamar "Os dez dias que abalaram São Paulo"...

Açúcar, Alcool e Borracha Sintética

Os usineiros sulinos vinham há algum tempo fazendo pressão no IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) afim de conseguir mais um aumento do preço da saca de açúcar. Mais lucros. As condições de vida dos operários nas usinas e dos camponeses nas plantações de cana são tão miseráveis que deles não podiam tirar muito mais; por isso voltaram-se para o consumidor e para o aumento.

Precisamente a 31 de dezembro de 1951, (presente de ano novo) o IAA atendeu-os e generosamente, com a Resolução n. 619/15 que estabeleceu o preço único da saca de açúcar em todo o território da União e que proporciona aos tubarões, um aumento maior do que eles esperavam. Houve protestos da parte deles, mas porque demoraram a compreender as "vantagens".

Usineiros do sul e do norte queriam o aumento do açúcar — os do sul, um aumento puro e simples do preço de venda à porta da usina; os do norte pleiteavam o chamado "preço único", pleiteavam uma taxaço por saca produzida que desse ao IAA, fundos para a redistribuição entre os produtores, de maneira que sem prejuízo pudessem todos vender açúcar em qualquer praça pelo mesmo preço. Ganharam os nortistas, isto é, ganharam todos os usineiros porque do "preço único" resultou maior do que aquêle que os usineiros sulinos pleiteavam. Só o povo perdeu; agora paga Cr\$ 78,00 a mais por saca de 60 kilos.

Os usineiros paulistas protestaram, ameaçaram com os tribunais, fingiram defender o consumidor, o povo, chegaram até a falar em carestia — culpa de Getulio etc., mas na prática defendiam-se contra o protecionismo franco do governo aos banguês nordestinos.

Acabou logo o ímpeto "revolucionário" dos barões do açúcar e a 25 de abril p.p. o IAA distribuía à brilhante imprensa sadia um noticiário sob o título — "DISCIPLINA A APLICAÇÃO DO SOBREPREGO DO AÇUCAR" no qual o presidente Gileno de Carli comunica que "Aumento" tem agora um nome novo, — "sobreprego" — e que este "sobreprego" se destina a um fundo do qual os usineiros podem retirar quanto precisem para melhorar tecnicamente as suas indústrias, afim de... "com uma técnica nova ... alcançar pela maior eficiência e contabilidade (sic) o rebatimento do custo de produção em benefício do consumidor." (O Estado de São Paulo — 25/IV/52).

O que é de um cinismo sem medida. Quando menos, significa arrancar do consumidor para presentear os ricos.

Segundo dados fornecidos pelo jornal "Folha da Manhã" de São Paulo (16/IV/52) os usineiros paulistas recolheriam anualmente aos cofres do IAA, produto do "sobreprego", a importância de 200 milhões de cruzeiros e os nortistas, cerca de 150 milhões, que pretende o IAA com estes 350 milhões? Pagar a compensação de fretes da produção do norte? Limitar-se portanto à política de proteção aos banguês? Para tão

VILANOVA ARTIGAS

pouco não seria necessário tanto dinheiro. Se se propuzesse transportar toda a produção do norte (3 milhões de sacas) até Santos, a Cr\$ 17,30/saca que é aproximadamente o que custa, não gastaria muito mais do que 50 milhões.

É difícil esconder 350 milhões. De certo os próprios usineiros queriam saber de seu destino. Daí o ilustre presidente Gileno de Carli, ser forçado a um programa que embora cheio de mistificações não consegue mascarar completamente a realidade e permite um pouco de luz sobre a política entreguista de Getulio Vargas. Os 350 milhões se destinam, diz ele, ao:

- 1) Financiamento e ampliação do parque açucareiro.
- 2) Desenvolvimento da mecanização da lavoura da cana, adubação, etc...
- 3) Financiamento da indústria de fertilizantes.
- 4) Amparo à produção de borracha sintética

e aqui começa a segunda parte desta história.

BORRACHA SINTETICA NO BRASIL

Em janeiro deste ano, logo após a publicação da resolução do IAA que instituiu o "sobreprego", a Comissão Brasil-EEUU, reuniu no seu "Conselho de desenvolvimento industrial" um grupo de figurões para ouvir do Sr. Kurt Weil uma preleção sobre borracha sintética. A revista "Observador Econômico e Financeiro" (jan. 1952) propriedade de Valentim Bouças, portanto dos americanos, conta como transcorreu a reunião.

Kurt Weil, técnico e industrial, diretor da Orquima, acompanhara (disse ele próprio) o desenvolvimento da indústria de elastômeros na Alemanha de Hitler como assistente na K.W.I.F. (Khlforschung de Mulheim), indústria que em 1943 produziu 115.000 toneladas de borracha. Herr Weil lembra-se bem das cifras de Hitler.

A revista em questão publica também um artigo de Herr Weil calçado com opiniões e fotografias de personalidades brasileiras para a competente cobertura nacionalizante — os ministros Lafer e Cleofas e o poeta lacaio dos ianques Augusto Frederico Schmidt — representando a Orquima. Herr Weil tece considerações em torno dos tipos de borracha sintética mais importantes, e das matérias primas empregadas e sua ocorrência no Brasil. Seus cálculos se baseiam em uma fábrica capaz de produzir 12.000 toneladas anuais (o consumo brasileiro de sintética em 1951 foi de 11.000 tons.). Ajudou-o no projeto um certo "Snr. Ambros" (personagem misteriosa citada com um só nome no artigo), "conhecido técnico alemão", "antigo diretor da IG Farbenindustrie".

"homem de vasta experiência que se prontificou a estudar conosco a possibilidade de se montar esta indústria no Brasil".

Falam Weil e Ambros de agora em diante.

O produto sintético alemão chamava-se Buna — S.

O produto americano é idêntico, chama-se GR-S (*government Rubber styrene*).

Essencialmente, qualquer dos tipos, se compõe de duas substâncias: o Butadieno e o stirol.

A síntese do Butadieno é o principal problema e trata-se de procurar qual a fonte mais aconselhável de matéria prima das que Weil enumera e analisa pacientemente ao mesmo tempo que demonstra conhecimento objetivo da realidade política brasileira.

O Butadieno pode ser obtido:

1º) de minérios de calcio que forneceriam carbureto de calcio e acetileno. Depende de carvão e energia elétrica barata. A síntese do Butadieno a partir do acetileno gasta de 10 a 11 kwh por quilo de acetileno consumido. Só seria conveniente o emprego deste processo se a energia fosse muito barata, o que Herr Weil acha que não pode ser. O carvão é outra dificuldade; carvão significa transporte etc... enfim conclui ele, esta matéria prima não serve. Há no caminho a Light e outros trustes mais poderosos.

2º) do aproveitamento de gases oriundos da refinação do petróleo — método empregado nos EEUU. Herr Weil aqui toma ares de "a raposa e as uvas" e diz que o processo está ainda em aperfeiçoamento, exige maquinismo delicado, dispositivos suplementares nas próprias refinarias e etc... Tudo afinal para esconder a falta de confiança que os tubarões têm na possibilidade de abocanhar a indústria do petróleo sobre a qual o povo brasileiro exerce cerrada e contínua vigilância.

3º) Resta o terceiro processo. — Síntese do butadieno partindo do alcool (mediante craking) — processo inventado na Rússia por Lebedev e empregado também nos EEUU pela "Union Carbide and Carbon Corp." que fabrica com ele a terça parte de toda a GR-S/americana. O alcool é o alcool etílico subproduto da indústria do açúcar. Este processo Weil elogia. — É rápido pouco aparelhamento exige, é simples, clássico, etc...

— Mas..., tudo depende do preço do alcool!...

Com o alcool a Cr\$ 3,00/litro como custa atualmente, a indústria não iria para a frente. Herr Weil pede alcool no máximo a Cr\$ 1,00/litro, achando que esse ainda não é um preço ótimo para a sua matéria prima. Com alcool a Cr\$ 1,00 o litro, a sintética brasileira custaria Cr\$ 11,00/quilo, e com alcool a Cr\$ 1,44 custaria Cr\$ 12,00/quilo.

Cada quilo de Buna-S gasta 3½ litros de alcool etílico. A fábrica para 12.000 toneladas anuais do plano deles pediria o plantio de mais 60.000 hectares de

cana (12.000 alqueires) e precisaria que dobrasse a produção das destilarias atualmente existentes. Estes são os números que tornam históricas as poesias de A. F. Schmidt.

Eis a deixa para a entrada em cena dos usineiros, do IAA e Gileno de Carli; fica sabido também qual é o destino dos 350 milhões de cruzeiros e o que é afinal "Amparo da produção da borracha sintética".

Gileno e Getúlio aumentaram o preço do açúcar no varejo, agravaram ainda mais as condições de miséria do povo para distribuírem os milhões roubados à bolsa do povo, entre os usineiros reacionários e industriais ligados ao imperialismo ianque. Das costas do povo sai o pagamento aos usineiros pela matéria prima que Lafer, Schmidt, Orquima, Weil e Ambros acham muito cara. Getúlio faz o preço do álcool para a Orquima e seus socios ianques cobrando do povo.

A BORRACHA NATURAL

O leitor há de ficar intrigado ao ouvir falar em produção de borracha sintética em nosso país. Afinal de contas, a borracha natural é muito superior, e ainda não há técnicos suficientemente vendidos ao imperialismo que se julguem capazes de afirmar o contrário. Corre por aí uma propaganda destinada a convencer que o melhor pneumático é o de borracha sintética americana, mas ainda é débil — só funciona entre os granfinos colecionadores de automóveis e os comerciantes de pneus.

Nosso país é a pátria da seringueira; há de soar como um absurdo o plano do IAA.

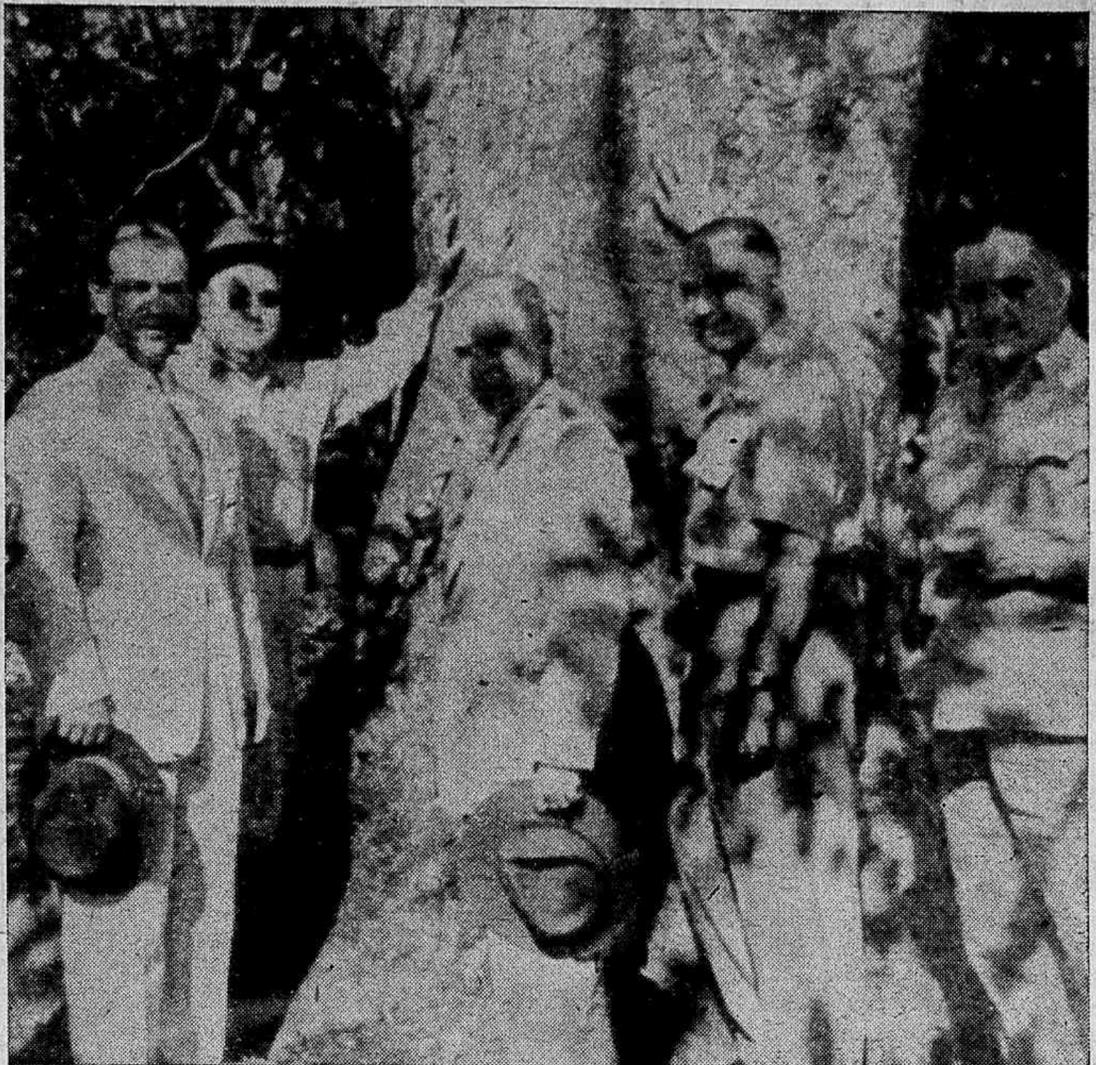
Então estaremos reduzidos a estas condições?

Em 1912 extraímos e exportamos um total de 42.410 toneladas de borracha de seringueira. Este total excedia na época a produção do resto do mundo e a borracha constituía perto de 40% de todas as nossas vendas.

Uma sucessão de governos ociosos, vendidos aos estrangeiros rematados agora no canalismo getuliano desfibrado, abandonou nossas riquezas naturais, vendeu-as ao imperialismo e reduziu-nos a tal ponto que em 1949, quando a produção mundial de borracha atingiu 1.490.000 toneladas, nós extraímos somente 28.000 toneladas e em 1950, quando subiu a produção mundial para 1.855.000 toneladas a brasileira baixou para 24.000 para confirmar a continuação de desastres econômicos.

A seringueira é sem dúvida uma fonte enorme de riqueza nacional que como várias outras estes governos não podem desenvolver. Jaz em estado potencial nos intermináveis relatórios e nos programas de governo desta camada de latifundiários atrozados que há anos vem cada vez mais lançando o povo na miséria. Basta dizer que toda a produção de borracha do Extremo Oriente — da Malaya e da Indonésia — são oriundas de mudas de "Hevea Brasiliensis" que os ingleses aclimataram e desenvolveram lá a partir de 1877 e que hoje produz 50 vezes mais do que as nossas "florestas virgens" é claro.

Na falta de melhores argumentos para justificar a sua total falência e incapacidade, os governos encomendaram a teoria do inferno verde, da Amazonia



Seringueiras gigantes como esta resultaram de uma plantação feita por volta de 1924, no Município de Una (Bahia). São uma prova cabal da fertilidade do solo que presta-se perfeitamente ao desenvolvimento de grandes culturas para a colheita organizada do latex.

impenetrável veiculada pelos intelectuais e "artistas" do tipo de Augusto F. Schmidt. Estas teorias têm justificado todos os seus desmandos e crimes como ainda há pouco serviu para encobrir o assassinio em massa de trabalhadores nordestinos (o famoso exército da borracha), largados no meio do mato à míngua de qualquer recurso.

A BORRACHA DO EXTREMO ORIENTE

"As perspectivas para a borracha, neste ano, são desanimadoras" diz a revista inglesa "The Economist" (março 29/1952). "O consumo está caindo, e espera-se uma superprodução de perto de 250.000 toneladas de borracha natural... O consumo da Inglaterra e da Europa acusa tendência para cair... e a salvação está na mão dos americanos se eles comprarem borracha para os seus "ESTOQUES ESTRATÉGICOS" e adotarem medidas que "PERMITAM" um aumento do consumo civil de borracha natural".

Mais adiante verificamos que essa linguagem complicada destina-se a encobrir a realidade, porque afinal não há superprodução de borracha natural. Em 1951 a produção mundial de todos os tipos de borracha aumentou 400.000 toneladas; mas foi um aumento exclusivamente de sintéticas. A natural continuou a ser extraída na mesma quantidade. Sobra borracha das colônias inglesas porque não há mercado. O preço do produto maláio caiu 50% nos últimos 12 meses.

A grande produção de sintética é essencialmente americana; do próprio go-

vêrno americano que se associa diretamente aos grandes trustes de produtos químicos, monta para eles fábricas enormes justificando-se frente a opinião com os surrados slogans da "defesa nacional", "emergência", "produção estratégica" que o governo de Getúlio e alguns técnicos nacionais estão aprendendo a empregar com a frequência de bons discípulos. É o próprio governo americano que organiza as tarifas e proíbe a entrada da borracha de procedência inglesa. "The Economist" dirigindo-se aos produtores ingleses, em linguagem "moderna" — exibição da mais completa subserviência à gula dos trustes americanos — diz:

... "é importante para os produtores de borracha natural, saberem o que a livre concorrência significa hoje.

... no futuro os americanos pedirão borracha melhor e estarão menos dispostos a pagar mais caro por ela"

isto é: os americanos querem borracha melhor e mais barata. Querem que os ingleses também trabalhem de graça.

Mas, os editorialistas da economia inglesa são muito confusos. Há quem fale mais claro dentro da própria Inglaterra.

Sir John Hay, presidente da "United Sue Betong Rubber Estates", companhia inglesa que explora plantações de borracha na Malaya, em seu relatório anual aos acionistas da empresa imperialista diz:

"No exercício de sua posição dominante no (mercado) da borracha, a América segue um caminho que está em estranho contraste com a generosa (sic) política que por outro lado tomou na defesa da paz mundial e do bem estar econômico... Sua borracha sintética é produto de uma indústria de propriedade do governo e é atualmente vendida ao preço arbitrário de 23 cents/libra. O preço no mercado americano, da borracha natural, é 38 cents/libra. Do fato de que, embora mais barata a borracha sintética, o seu uso precise ser obrigatório por lei, é razoável concluirmos que a bor-

racha natural embora mais cara é o produto preferido".

"É difícil fugir à conclusão de que esta prática inicialmente estabelecida para fins estratégicos está atualmente sendo usada como uma arma para oprimir (os produtores) de borracha natural e proteger a borracha sintética".

E Sir John dá-se ao trabalho de mostrar, com o quadro que reproduzimos como os produtos americanos de exportação subiram até 360% como aconteceu com o algodão, enquanto para a borracha natural o aumento não passou de 113%.

	1939	1952	% aumento
Borracha natural	17,56 c/lb	37,33	113%
Algodão	9,00 c/lb	41,40	360%
Trigo	70,00 c/bushel	251,00	259%
Milho	48,00 c/bushel	185,00	285%
Fumo	\$19,2 /100 lb	\$51,7	169%

É claro que o leitor não vai se compadecer dos "pobres imperialistas ingleses". São suficientemente canalhas para continuarem mesmo dentro do processo de serem esmagados pelos americanos, a continuarem a falar em guerra, em "estoques estratégicos" e outras que tais. Ainda realizam lucros monstruosos que permitem a um Sir John Hay em seus relatórios, como neste que vem sendo citado, mostrar de mistura com seus pendores literários de burguês ultra decadente a generosidade falsa com que corrompe os nativos malaios que a ele estão escravizados:

"A todos os que, ainda nos servem, especialmente àqueles em postos perigosos, estendemos nossos votos de felicidade. Nosso agradecimento encontrará expressão tangível no pagamento que em breve será feito a pretexto de comissão nos lucros."

Há postos perigosos no simples ato de servir a Sir John. É que os povos do Oriente são como nós; também não se compadecem do imperialismo inglês; têm sofrido duramente a sede insaciável da besta fera imperialista em sua "missão civilizadora". É como a totalidade dos povos coloniais e semi-coloniais têm demonstrado cabalmente que o fim das misérias está próximo.

Sob o título "A batalha da Malaya" o semanário americano "Time" (abril 21/1952) conta como se exerce o domínio inglês na Malaya hoje em dia. Há dois meses a península tem um novo governador, o general Sir Gerald Templer — (seu antecessor foi liquidado pelos patriotas em armas). Sir Templer é um déspota minúsculo que obriga populações de 20.000 habitantes (como o fez em Tanjong Malin) pela força das armas, a permanecer em casa sem sair mais do que 2 horas por dia, durante 8 dias, enquanto os seus janízaros pesquisam todos os cantos a procura de pa-

triotas, dos guerrilheiros comunistas, dos populares em armas e principalmente à procura de Liew-Kon-Kim contra quem Sir Templer sonha em vão mobilizar a canalha inglesa ociosa que se gasta em coqueteis e clubes noturnos, pois evidentemente não conta com outro apóio.

"Eu poderia vencer esta guerra em 3 meses se contasse com 2/3 do povo ao meu lado."

teria dito o "vice-rei" Templer.

"Esta guerra"... — O povo malaio está em guerra contra o invasor.

O relatório de Sir John Hay, digno presidente da "United Sue Betong Rubber States" que já conhecemos, informando os acionistas ingleses portadores de coupons que desfrutam no conforto londrino os lucros obtidos pela Companhia a custa da miséria do povo malaio, é um relatório completo. Por ele vemos que Sir Templer nunca poderá contar com 2/3 do povo ao seu lado. Jamais. Com o seu conhecido zelo literário ele nos conta que:

"No ano de 1950 dois membros de nosso escritório foram assassinados... No começo deste ano que corre outro homem, Mr. Butler-Madden, foi atirado e morto. Era um auxiliar experiente que muito prometia estando a serviço em Tanah Merah Estate, uma propriedade situada em um distrito considerado relativamente seguro. Dois meses mais tarde, Mr. Jansen, que serve em Yooung Peng Estate, caiu numa emboscada junto com o seu chofer, um empreiteiro e um oficial da polícia. Os quatro enfrentaram o inimigo e o afungentaram. (?) O chofer foi ferido e mais tarde teve de amputar uma das mãos. O empreiteiro foi morto. Mr. Jansen foi ferido mas teve a sa-

tisfação de matar um bandido, (sic) e foi por isso cumprimentado pelo general Templer. Mr. Jansen felizmente está melhor, no caminho do restabelecimento."

GETULIO EXECUTA ORDENS DE WASHINGTON

Nesta enorme pantomina Getulio representa um papel bem claro.

O imperialismo americano sonha com o domínio do mundo. Domínio total.

Os ingleses possuem as maiores plantações de "Hevea" existentes. Para dominá-los os americanos têm planos dos quais participam Getulio e os seus asseclas — desenvolver a indústria da borracha na América Latina. A borracha natural, estudada a situação, não convém. Uma seringueira demora 10 anos para produzir pela primeira vez e nos tempos que correm os americanos não planificam para tais prazos. Então é a sintética. O governo americano grita ordens para instalar uma indústria de borracha sintética com "capitais mistos" da "Union Carbide & Carbon, IG-Farben, Orquima etc., e logo protesta também pela boca de herr Weil contra o preço do álcool (matéria prima) que julga absurdo. Vários técnicos consultados concordam e resolve-se para o bem da pátria baixar o preço do álcool. O IAA que controla toda a produção nacional fica na ordem do dia.

Como os usineiros querem autorização para um aumento do preço do açúcar o presidente Gileno de Carli tem a situação criada que lhe permite levantar os fundos necessários para "desenvolver a indústria da borracha sintética"; e concede o aumento do preço do açúcar. O povo paga os planos deles.

Foi na Conferência dos Chanceleres em Washington (abril do ano passado) que se resolveram estes primeiros passos de Getulio. Coube à Bolívia apresentar uma Resolução que teve o número 25 pedindo o estudo sobre as possibilidades de aumento da produção de borracha natural e encorajamento às plantações — além da instalação de fábricas de pneumáticos e outros produtos de borracha. Depois da resolução n. 25, os americanos tomaram o problema nas mãos e hoje resumem as suas ordens mais ou menos nisso ("Observador" — maio 1951):

a) Que os estudos abranjam as borrachas sintéticas, para as quais existem na América latina a matéria prima necessária (petróleo e álcool); e

b) Que seja encorajado o estabelecimento de novas companhias de borracha e pneumáticos, subsidiárias ou filiais a firmas norte-americanas.

Foi, portanto, da Conferência de Washington de abril do ano passado que partiram as ordens para Getulio aumentar o preço do açúcar — dentro do plano americano de domínio econômico do mundo.

Quando pois o nosso povo protesta contra a carestia da vida, dá uma contribuição enorme à luta contra a dominação ianque de nossa pátria que é tramada com a conivência de Vargas. Os planos dos imperialistas americanos serão atrapalhados na medida em que não

aceitarmos a propaganda de guerra, os argumentos do tipo "reserva estratégica" e outros que os ianques assopram; serão atrapalhados na medida em que lutarmos pelo convívio pacífico de todos os povos. A guerra, idéia agitada pelo imperialismo, é um pretexto para a pilhagem e a submissão dos povos.

Governos do tipo do que aí temos, precisam ser substituídos pelo Governo Popular — é a reivindicação dos países coloniais e semi-coloniais. Por isso nos é simpática a luta do povo malaio — é a mesma luta. Substituir os governos vendidos ao imperialismo é afinal concorrer para a paz, negar ao imperialismo

as bases em que se funda para desencadear a guerra.

Enquanto não nos livrarmos da dominação imperialista, os gêneros subirão de preço, não haverá franquias democráticas e estaremos sempre na iminência de ver a humanidade lançada em mais uma carnificina.

BORRACHA NATURAL

PRODUÇÃO				CONSUMO			
	1949	1950	1951		1949	1950	1951
Maláia	671.503	694.090	605.345	U. S. A.	574.522	720.268	454.276
Indonésia	331.941	792.750	791.741	Inglaterra	184.255	219.668	234.234
Ceilão	89.500	113.500	105.000	URSS	105.000	82.500	67.500
Diversos	297.156	354.660	360.414	Diversos	573.723	682.564	738.990
TOTAL	1.490.000	1.855.000	1.862.500	TOTAL	1.473.500	1.705.000	1.495.000

BORRACHA SINTÉTICA

PRODUÇÃO				CONSUMO			
	1949	1950	1951		1949	1950	1951
USA				USA	414.381	538.289	759.379
GRS	295.165	358.248	696.810	Canadá	18.063	22.577	26.443
Outros tipos	98.524	117.936	148.345	França	8.303	7.400	9.250
Canadá	46.642	58.440	62.293	Alemanha	2.230	3.372	4.352
Alemanha	—	—	850	Inglaterra	2.367	2.757	3.867
				Diversos	4.656	5.605	11.719
TOTAL	440.331	534.624	908.298	TOTAL	450.000	580.000	815.000



Nas plantações malaias os poucos homens que ainda trabalham para os ingleses são protegidos pela polícia de armas na mão. Os guerrilheiros atacam todos os dias, nas horas mais inesperadas. Estas plantações são propriedades dos imperialistas ingleses, contra os quais o povo da Maláia acha-se em armas.

A CRITICA DE ARTE

FERNANDO PEDREIRA

O texto de Stendhal que reproduzimos a seguir, é um exemplo de crítica de arte, ou pelo menos, de como a crítica deve exercer uma das suas funções mais importantes: a de organizar a compreensão popular, aproximando o público da obra de arte, revelando-lhe a beleza que tantas vezes escapa ao observador apressado e deseducado, guiando-o, enfim, através dos meandros da criação artística.

Realmente, em matéria de crítica de arte devemos voltar bem atrás, se quisermos retomar o compasso justo: nos últimos tempos, devido à influência dissolvente e tantas vezes pernóstica do modernismo, a crítica de arte tornou-se confusa, hermética e especiosa, fugindo sempre e conscientemente dos princípios da razão e do bom senso. Sua característica primeira e invariável tem sido o desprêso pelo assunto, pelo tema tratado pelo artista, tema que se procura despersonalizar ou esconder sob um monte de frases pretenciosas.

Claro, aos críticos de arte é necessário tratar questões técnicas que escapam ao conhecimento dos leigos. Mas, se é impossível exigir deles que expliquem em linguagem comum cada uma destas questões, a verdade é que esta é apenas uma parte, e uma pequena parte, da crítica de arte. O crítico deve dirigir-se, fundamentalmente, ao público que lhe compete ensinar e educar, descobrindo e comentando o que é bom e condenando o que é mau. A influência sobre os artistas deve vir do público, e há de ser educando e orientando este último, que o crítico influenciará os artistas. A crítica deve criar um movimento de opinião em torno das obras de arte, ou impulsionar este movimento, deve mobilizar o público, influir na própria maneira de pensar do povo, através da discussão das obras de arte e dos grandes problemas da estética.

Uma crítica esotérica, portanto, que se dirige apenas a uma falsa elite de sectários e de snobs pseudo-cultos, que não fala uma linguagem compreensível para o povo e não discute questões que o interessem, uma crítica incapaz de comovê-lo e arrastá-lo, é uma pobre crítica, estéril e ridícula, que os artistas devem desprezar.

* * *

Stendhal insistia sempre em que o maior número não o compreenderia, dizendo que desejava para os seus escritos apenas um pequeno círculo de leitores de qualidade. Sabemos hoje, que esse maior número a que se referia o autor de O Vermelho e o Negro, eram os membros de uma casta dominante que, na época, reservava para si o privilégio quasi absoluto dos prazeres da leitura. Era razoável, portanto, que somente uns poucos espíritos avançados pudessem compreendê-lo. Em nossos dias, porém, o inverso acontece: graças ao progresso das condições sociais em todo o mundo, e em particular na União Soviética, os escritores contam com um público incomparavelmente mais amplo. E Stendhal é lido e amado por milhões e milhões através do globo. Os que não podem ou não querem entendê-lo, porque a sua inteligência os confunde e perturba, são hoje, precisamente, os que se consideram leitores de elite. Um Sergio Milliet, por exemplo, em conferência recente no Centro Cultural Brasil-Itália, faz questão de notar «essa leviandade que o grande romancista pôs sempre em suas divagações estéticas»; frase que é, sem dúvida, um modo pouco original de mostrar a própria incompreensão, mas que revela, em toda a sua profundidade, o abismo que separa os grandes escritores do passado dos falsos intelectuais contemporâneos.

* * *

É bem possível que a interpretação stendhaliana da Ceia de Leonardo — a mais reproduzida de todas as pinturas — não seja a melhor nem a mais fiel ao pensamento do mestre florentino. E para nós, de resto, o seu maior mérito não reside na imposição dêste ou daquele modo de ver o quadro famoso. As palavras de Stendhal são ricas em sugestões e ensinamentos mesmo para os que já meditaram sobre a obra de Leonardo e acostumaram-se a vê-la sob uma luz diferente.

A Ceia, como os demais trabalhos do gênio do Renascimento, é um marco importante na evolução do pensamento humano. Através dos séculos, sua influência tem se feito sentir sobre os homens, moldando-lhes em maior ou menor medida, os sentimentos e as atitudes. Daí a sua importância, o seu grande valor humano e estético. A obra de Leonardo, entretanto, enquanto arte, não dispensa interpretação — do crítico e do observador comum. Era, por isso, inevitável que se tentasse esconder, sob um manto de misticismo e religiosidade inteiramente estranho ao autor, o seu conteúdo essencial. Assim havia de ser no tempo em que estava reservado aos porta-vozes da igreja, o papel de escamoteadores da verdade que hoje assumem intelectuais como Sergio Milliet. Usava-se, como ainda se usa, a credence do povo para impedi-lo de ouvir a palavra dos grandes autores. As mais grosseiras falsificações eram feitas. Herejes impiedosamente combatidos em vida, eram, depois de mortos, logo que se julgava possível distorcer a memória dos seus pensamentos, canonizados pela Igreja. E a Ceia tornou-se um simples instrumento de edificação religiosa.

Se consideramos estes fatos, a crítica de Stendhal aparecerá em toda a sua significação. Ela restitui ao quadro famoso a sua essência verdadeira e irrecusável. Leonardo da Vinci, sábio humanista, representante altíssimo de um tempo que libertou o mundo do misticismo medieval, deixaria para outros a tarefa ingrata de destruir as lendas mais atraentes e mais queridas dos homens. A figura amável do Cristo, suas palavras de amor e de paz, não podiam deixar de encanta-lo, assim como o indignava o mau uso que delas fazia o clero. Mas, se alguma vez pôde tomá-las como assunto de sua arte, foi para despí-las de religiosidade e revelar a sua origem terrena, o seu profundo sentido humano. Nem poderia fazer de outro modo o pensador que tanto combatu os propagadores de superstições e tanto fez para livrar a ciência das ataduras da religião.

Stendhal está certo, pois, quando considera o Cristo da Ceia «um jovem filósofo cercado pelos discípulos», traído por um mau amigo, e que em breve iria morrer pelas próprias idéias. E ainda mais certo, ao situar no centro das cogitações de Leonardo, o problema da traição na amizade: a repugnância de um espírito elevado pela figura tórpe do delator. A Ceia, realmente, é a condenação marcante do ato da delação: o traidor, que entrega o amigo inocente aos seus algozes, aí aparece em toda a sua odienta indignidade e baixaza.

* * *

As anotações do mestre florentino, o que dele nos contam Vasari e outros, tudo corrobora a justeza dos comentários de Stendhal, escritores, como ele mesmo nos diz, no ano de 1792.

A «CEIA» DE DA VINCI

LEONARDO ADOLESCENTE

Parti de Florença a cavalo, na aurora de um belo dia de primavera; descii o Arno até bem perto do delicioso lago de Fucecchio: logo ali estão as ruínas do pequeno castelo de Vinci. Levava nas bolsas de minha sela, reproduções dos seus trabalhos; eu os tinha comprado sem vê-los; queria receber a primeira impressão sob as sombras destas colinas em meio das quais nasceu o mais antigo dos grandes pintores, precisamente trezentos e quarenta anos antes de minha visita, em 1452.

Era filho natural de um certo messer Pietro, notário da república, e era amável como uma criatura do amor.

Desde a sua mais tenra infância, mereceu a admiração dos seus contemporâneos. Gênio educado e sutil, curioso de aprender as coisas novas, ardendo por tentá-las, vemo-lo afirmar este caráter, não somente nas três artes do desenho, mas também nas matemáticas, na mecânica, na música, na poesia, na ideologia, sem falar das artes de diversão, nas quais, brilhou: a esgrima, a dança, a equitação; e estes talentos diversos ele os possuiu de tal modo que, não importa de qual deles fizesse uso para agradar, parecia ter nascido apenas para praticá-lo.

Messer Pietro, espantado com este ser singular, tomou alguns dos seus desenhos e levou-os a André Verrocchio, pintor e escultor então muito renomado, que não pode crê-los as primeiras tentativas de uma criança; levaram-lhe então Leonardo: suas graças acabaram de seduzi-lo e ele foi em breve o seu aluno favorito. Pouco depois, Verrocchio pintando em Saint-Salvi, para os monges de Valombreuse, um quadro de São João batizando Jesus, Leonardo fez o anjo que ali figura com tanta graça.

Contudo a pintura não tomava todos os seus momentos. Vemos nas histórias cegas dos seus biógrafos, que ele se ocupava igualmente de química e de mecânica. Informam, com um pouco de vergonha, que Leonardo tinha idéias extravagantes. Um dia, buscava formar, misturando matérias inodoras, odores detestáveis. Estes gases, expandindo-se subitamente nos locais em que se reunia a sociedade, punham toda a gente em fuga. Uma outra vez, bexigas habilmente escondidas ganhavam volume graças ao sopro de foles invisíveis e, enchendo pouco a pouco toda a capacidade do aposento, forçavam os assistentes a se retirarem. Inventava um mecanismo pelo qual, no meio da noite, o fundo de uma cama se elevava de repente, com grande tristeza para o dorminhoco. Descobria um outro próprio para perfurar as rochas, e outro ainda para elevar grandes pesos. Teve a idéia de suspender o enorme edificio de Saint Laurent, para colocá-lo sobre uma base mais majestosa.

Podia-se vê-lo nas ruas parar inopinadamente, para copiar num pequeno bloco de papel branco as figuras ridículas que encontrava. Podemos vê-las ainda, estas encantadoras caricaturas, e são as melhores que existem. Buscava não somente os modelos do belo e do feio, mas pretendia apreender a expressão fugitiva dos estados de alma e das idéias. As coisas bizarras e sugestivas tinham particular direito à sua atenção. Foi talvez o primeiro a sentir esta parcela

das belas artes que não se fundamenta na simpatia, mas num retôrno de amor próprio. Trazia para jantar em sua casa, gente do campo, para fazê-la rir à vontade, com as mais estranhas histórias e os contos mais alegres. Outras vezes era visto seguindo os infelizes a caminho do suplicio.

Uma rara beleza, maneiras cheias de encanto, tornavam admiráveis aos olhos de todos estas idéias singulares; e parece que, como Rafael, este gênio feliz foi uma exceção à regra tão verdadeira: "Os caminhos de flores não conduzem à glória".

LEONARDO NO CONVENTO DAS GRAÇAS

Leonardo pintou pouco durante esta longa permanência em Milão. Podemos seguir facilmente, em todo o curso de sua vida, os efeitos da primeira educação que recebeu em casa de Verrocchio. Como seu mestre, ele preferiu o desenho à pintura. Amou, no desenho e na escolha das figuras, não tanto os contornos cheios e convexos à maneira de Rubens, mas o gentil e o espiritual, como Francia.

Cavalos e soldados em luta voltavam-lhe seguidamente à pena. A anatomia foi o estudo de toda a sua vida. Em geral, trabalhou mais pelo avanço das artes do que para multiplicar-lhe os modelos.

Seu mestre fôra um escultor hábil, como provam o Santo Tomás de Florença e o Cavalo de São Paulo de Veneza. Apenas chegado à Milão, vemo-lo fazer preparar terra e modelar um cavalo de tamanho colossal. Vemo-lo cultivar assiduamente a geometria, comandar a execução de trabalhos imensos de mecânica militar e de hidráulica. Sob este céu ardente, consegue fazer vir a agua a todos os cantos das campinas do Milanês. É a ele que devemos, nós outros viajantes, estas paisagens admiráveis em que a fertilidade e a verdura exuberante dos primeiros planos não é igualada senão pelas formas bizarras das montanhas cobertas de neve que formam, a algumas milhas, o horizonte ideal para o prazer dos olhos.

Ele baniu o gótico das construções; dirigiu uma academia de pintura; mas, em meio de tantos afazeres, não pintou senão a Ceia do Convento das Graças.

... Tratava-se de representar este momento tão terno em que Jesus, para não considerá-lo mais do que um jovem filósofo cercado pelos discípulos na véspera da morte, diz-lhes com enternecimento: "Em verdade vos digo, um de vós me trairá". Uma alma de tal modo amante devia estar profundamente tocada, ao pensar que entre os doze amigos que havia escolhido, com os quais se escondia para fugir à perseguição

injusta, que tinha querido ver reunidos neste dia em um repasto fraterno, símbolo da reunião dos corações e do amor universal que desejava estabelecer sobre a terra, encontrava-se entretanto um traidor que, por uma soma de dinheiro, ia entregá-lo aos seus inimigos. Uma dor tão sublime e tão terna pedia, para ser exprimida em pintura, a disposição mais simples que permitisse à atenção fixar-se inteira nas palavras pronunciadas por Jesus. Era preciso uma grande beleza nas cabeças dos discípulos, uma rara nobreza em seus movimentos, para fazer sentir que não era um vil medo da morte o que afligia Jesus. Se ele fosse um homem vulgar, não perderia tempo num enternecimento perigoso; teria apunhalado Judas, ou ao menos fugido, cercado pelos discípulos fiéis.

Leonardo da Vinci sentiu a celeste pureza e a sensibilidade profunda que fazem o caráter deste ato de Jesus; ferido pela execrável indignidade de uma ação de tal modo negra, e vendo os homens tão maus, ele se desgosta de viver e encontra mais doçura em entregar-se à celeste melancolia que transborda em sua alma, do que em salvar uma vida infeliz que seria preciso passar sempre ao lado de ingratos semelhantes. Jesus vê subvertido o seu sistema de amor universal. "Eu me enganei, diz ele a si próprio, julguei os homens pela medida do meu coração". Seu enternecimento é tal que, dizendo aos discípulos estas tristes palavras: "Um de vós vai me trair", não ousa olhar para nenhum deles.

Ele está sentado numa longa mesa cujo lado contrário à janela, de frente para o espectador, permaneceu vazio. São João, aquele de todos os discípulos que ele amou com mais ternura, está à sua direita; ao lado de São João está São Pedro; depois dele vem o cruel Judas.

Graças ao extenso lado da mesa que permaneceu livre, o espectador percebe plenamente todos os personagens. O momento é aquele em que Jesus acaba



de pronunciar as palavras cruéis e o primeiro movimento de indignação gra-va-se em todos os rostos.

São João, transtornado pelo que vem de ouvir, dá entretanto alguma atenção a São Pedro que lhe explica vivamente as suspeitas que concebeu sobre um dos apóstolos sentados à direita do espectador.

Judas, meio voltado para atrás, procura ver São Pedro e descobrir de quem ele fala com tanto calor, e contudo, enrijece a fisionomia e se prepara para negar firmemente todas as desconfianças. Mas já foi descoberto. São Jaques o Menor, passando o braço esquerdo pela espádua de Santo André, avverte São Pedro de que o traidor está junto dele. Santo André olha Judas com horror. São Bartolomeu, que está na extremidade da mesa, à esquerda do espectador, levantou-se para melhor ver o traidor.

À esquerda de Cristo, São Jaques protesta sua inocência com o gesto natural em todas as partes: abre os braços e apresenta o corpo sem defesa. São Tomás abandona o seu lugar, aproxima-se vivamente de Jesus e, elevando um dedo da mão direita, parece dizer ao Salvador: "Um de nós?" Eis aqui uma das necessidades que lembram que a pintura é uma arte terrestre. Era preciso este gesto para caracterizar o momento aos olhos do vulgo, para fazê-lo ouvir bem a palavra que vem de ser pronunciada. Mas não tem a nobreza de alma que devia marcar os amigos de Jesus. Que importa que ele esteja a ponto de ser entregue por um ou por dois dos seus discípulos? Houve uma alma bastante negra para trair um mestre tão amável: eis a idéia que deve perturbar cada um deles. E logo após virá este segundo pensamento: Não o verei mais; e este terceiro: Quais são os meios de salvá-lo?

São Felipe, o mais jovem dos apóstolos, com um movimento pleno de ingenuidade e de franqueza, levanta-se para protestar sua fidelidade. São Mateus repete as palavras terríveis a São Simão que se recusa a acreditar. São Tadeu, que em primeiro lugar as repetira, indica-lhe São Mateus que as ouviu como ele. São Simão, o último dos apóstolos à direita do espectador, parece exclamar: "Como ousais dizer um tal horror!"

Mas, sentimos que todos os que cercam Jesus não são mais do que discípulos e, depois de passar em revista os personagens, o olhar volta bem depressa ao seu sublime mestre. A dor tão nobre que o oprime, confrange-nos o coração. Nosso espírito é reconduzido à contemplação de uma das grandes infelicidades humanas, a traição na amizade. Sentimos necessidade de ar puro; e o pintor representou abertas a porta e as duas janelas que estão nos fundos do aposento. O olhar entrevê uma campina



longínqua e calma, e esta vista reconforta. O coração precisa desta tranquilidade silenciosa que reinava em torno do monte *Sion* e que fazia com que Jesus gostasse de reunir aí os seus discípulos. A luz da tarde, cujos últimos raios banham a paisagem, empresta-lhe uma tinta de tristeza de acôrdo com o estado de espírito do espectador. Este sabe bem que é o último entardecer que o amigo dos homens passará sobre a terra. No outro dia, quando o sol chegar ao poente, ele terá cessado de existir.

* * *

Alguns pensarão como eu sobre esta obra sublime de Leonardo da Vinci; o maior número, bem o sei, achará rebuscadas as minhas idéias. Suplico a este maior número que feche o livro. À medida que nos conheçamos melhor, não faremos senão desagradar-nos mutuamente, cada vez mais. Pode-se encontrar facilmente, nas outras histórias da

pintura, descrições mais exatas em que são anotadas, fielmente, a côr do casaco e a da túnica de cada um dos discípulos. De resto, pode-se admirar as dobras pouco comuns da toalha.

* * *

Se houve jamais um homem escolhido pela natureza para pintar um tal assunto, foi Leonardo da Vinci. Ele possuía esta rara nobreza de desenho, mais evidente nele do que no próprio Rafael, porque não misturava à nobreza a expressão da fôrça. Tinha o colorido melancólico e terno, abundante em sombras, sem brilho nas côres brilhantes, triunfante no claro-escuro que, se não tivesse existido, deveria ter sido inventado para um tal assunto. Seus próprios defeitos não perturbam, pois a nobreza não é prejudicada por um pouco de segura no desenho de sombras fugindo para a côr do ferro. Se, enfim, se considera a altura colossal dos personagens

e o tamanho do quadro, que tem trinta e um pés e quatro polegadas de largura, e quinze pés e oito polegadas de altura, convir-se-á que fez realmente época na história das artes, e me perdoarão se ainda me ocupo com ele.

A alma mais nobre do que apaixonada de Da Vinci não esquecia jamais de ressaltar os seus personagens pela extrema delicadeza e o acabado da arquitetura, dos móveis, dos ornamentos que os cercam. Um homem sensível que reflita sobre a pintura, verá com surpresa que as finas riscas azuis que cortam o branco da toalha, os enfeites delicados, regulares e simples da sala em que se passa a cena enternecedora, acrescentam-na em nobreza. São estes os meios da pintura. Que pode haver de mais insignificante em si mesmo do que estes pequeninos pedaços de metal chamados caracteres de impressão? E eles precipitam os tiranos dos seus tronos.

Sétchenov, predecessor de Pavlov

Em 1851, aos 22 anos, Sétchenov ingressou na Faculdade de Medicina de Moscou. Tinha então o curso completo de engenheiro militar e servia num regimento de sapadores em Kiev. Na Universidade, ligou-se aos elemtnos de vanguarda, seguidores de Granovski. Mas não tomara contato ainda com o descobrimeton da inibição do funcionamento cardíaco, pela excitação do Nervo Vago, que o levaria mais tarde à descoberta da Inibição Central. Sentia-se nessa época mais atraído para o campo da fisiologia do que para o campo da medicina.

Amplio interesse pelos problemas da fisiologia surgiu na Rússia, nesse tempo, e todos esses assuntos eram divulgados nos meios progressistas, através de artigos na imprensa e conferências para o público.

Na sua famosa obra, "Processos da Vida" (1861), Pisarev já sentenciava: "As palavras e as ilusões perecem, e os fatos permanecem. É preciso supor e esperar que os conceitos da vida psíquica e de fenômenos psíquicos serão com o tempo colocados nas suas partes constitutivas; o seu destino já está resolvido, eles irão para o mesmo lugar para onde foram a pedra filosofal, o elixir da vida, a quadradura do círculo, o pensamento puro e a força vital".

Essa propaganda científica fermentou também nos jovens da geração de Pavlov, que iria dizer depois: "Os fatos são o ar do cientista. Sem eles, nós não poderemos subir, nossas "teorias" serão meras tentativas".

Tal período foi paralelo à época literária de Turgeniev, que, no seu romance "Pais e Filhos", procurava encarnar no heroi Bazárov a figura de um revolucionário e naturalista, que queria fazer "a anatomia da natureza". Tchernichevski também, no seu livro "Que Fazer", cria um personagem análogo, Kirsanov, que é um médico e fisiólogo representando a intelectualidade revolucionária, que inscreveu sob suas bandeiras as lutas contra a reação e o obscurantismo, na base do conhecimento científico da natureza e da sociedade.

Todavía, por seu lado, grupos reacionários laboravam no caminho da estagnação e do retrocesso do pensamento científico. Eis aí o alemão Anke enquistado na cadeira de fisiologia da Universidade de Moscou, aquele que mais tarde preteriu Sétchenov, a favor de seu pupilo Embrodt. Eis aí, igualmente, o inglês Bervi, na cadeira de fisiologia e patologia da Universidade de Kazan, que chegava a afirmar: "Além de penetrar o nosso mundo moral, o materialismo tenta invadir o sacrário da ciência. Os materialistas, armados de balanças, de lentes e de facas, ex-

JOÃO BELLINE BURZA

põem claramente os segredos da natureza. Essa direção intelectual, nociva ao bem comum, obriga a todos a colaborar na medida de suas forças, na luta contra as idéias do materialismo, que transforma toda a vida num sensualismo fatal".

Mas os pensadores honestos, vigilantes, retrucaram vigorosamente, pela palavra de Dobroliubov. Na grande revista da época, "O Contemporâneo", Dobroliubov escrevia: "O progresso das ciências naturais é tão grande, que mesmo aos olhos dos não especialistas se tornam ridículas idéias do sr. Bervi. O sr. Bervi não gosta do nosso tempo, porque o nosso tempo o lutrapassou".

Inflamados pelo artigo de Dobroliubov, os estudantes de Kazan protestaram contra o professor inglês, exigindo a sua saída, sendo então substituído por Ovcianikov, que foi o fundador da escola fisiológica de Kazan.

PRIMEIROS TRABALHOS DE SÉTCHENOV

Formando-se em 1856 em medicina, Sétchenov foi para a Alemanha, levando já em mente um tema para pesquisa, futuramente sua tese de doutorado: "Materiais para a futura fisiologia da embriaguês alcoólica" (1860). O problema da intoxicação alcoólica veio-lhe ao espírito, em virtude da sua preocupação social pelo "papel da vodka" na vida russa no reinado czarista.

Um traço característico de Sétchenov era a sua posição independente nas suas pesquisas.

Os seus primeiros trabalhos foram realizados no laboratório de Gopp-Seiller, onde examinou a ação de diferentes substâncias sobre o sistema neuro-muscular, verificando que os seus achados sobre a ação do "sulfo-cianureto de potássio" sobre nervos e músculos não coincidiam com os de Claude Bernard, devido a um erro metodológico do fisiologista francês.

Nos laboratórios de Helmholtz, fez observações no porco e com o olho humano, sobre a "fluorescência dos olhos", observações que foram mais completas do que as de Renhard.

Partindo do estudo da influência da intoxicação alcoólica no organismo humano e em animais, abordou o problema das "variações verificadas no sangue, principalmente a variação da distribuição e quantidade dos Gases do Sangue", construindo o seu próprio aparelho para a experiência, o "Absorciômetro".

Esses trabalhos foram completados nos laboratórios de Ludwig, quando Sétchenov já estava adquirindo notoriedade científica, que foi crescendo até a sua descoberta da Inibição Central em 1862.

Voltando a Moscou, ligou-se Sétchenov aos seus amigos, que eram os principais representantes da fisiologia russa: Babuhin, Botkin, Iakubóvitch.

Em 1858, terminou as suas pesquisas iniciadas no estrangeiro, passando a realizar uma obra científica e pedagógica em sua pátria. Em 1860, morre o acadêmico Ber, deixando vaga a secção de fisiologia e de físico-química na Academia Imperial de Ciências. Cogita-se do nome de Sétchenov, mas a política e as intrigas das autoridades czaristas em conluio com os cientistas oficiais o afastam, sendo assim nomeado o alemão Embrodt.

Perdendo essa oportunidade, Sétchenov atravessa uma fase de dificuldades, ocupando-se da medicina prática. Sai de Moscou e transfere-se para Petersburgo. Em Petersburgo, é convidado a trabalhar pelo diretor Glebov, na Academia de Medicina e Cirurgia Militar, sendo então nomeado professor-adjunto dessa Academia.

Iakubóvich ocupava aí a cadeira de fisiologia, dividindo depois com Sétchenov as aulas do curso. As aulas de Sétchenov tornaram-se centro de interesse em toda a Rússia e os seus primeiros cursos sobre "Eletricidade Animal" começaram a atrair os estudantes e jovens médicos para a pesquisa científica. Esse curso constituiu o material de um livro, que recebeu um prêmio da Academia de Ciências.

A fisiologia foi atingindo um alto nível. Em 1869, Sétchenov é eleito membro correspondente da Academia de Ciências e membro de honra da Universidade de Petersburgo.

Em 1870, Pavlov ingressou na Universidade de Petersburgo e quem substituiu Sétchenov nessa cadeira foi o próprio Pavlov, em 1916, mas que Sétchenov abandonara 50 anos antes.

O desenvolvimento das ciências naturais nas Universidades russas era algo que se opunha aos interesses das autoridades e esse período dos anos 50, 60 e 70, foi assinalado por grandes movimentos da juventude estudantil, nas duas maiores escolas russas, a de Moscou e a de Petersburgo.

HISTÓRIA DA INIBIÇÃO CENTRAL DE SÉTCHENOV

O nome de Sétchenov ficou ligado à fisiologia mundial, pelas descobertas

tas da **Inibição Central**, que é um dos fenômenos mais importantes da atividade do Sistema Nervoso Central. O mérito dele não está na descoberta de haver centros no cérebro capazes de inibir reflexos medulares, mas em ter mostrado o papel desses centros na coordenação reflexa dos atos motores. Saindo destes experimentos e dos seus pontos de vista filosóficos, Sétchenov chegou aos "Reflexos do Cérebro".

Quando trabalhou no laboratório de Claude Bernard, em 1862, Sétchenov mostrou que, na separação por camadas do cérebro e da medula, havia uma determinada zona do cérebro que inibia os Reflexos Medulares, mediante a excitação de sua secção transversal pelo sal de cozinha. O mesmo efeito não era obtido, quando se aplicava o sal na medula, não havendo pois a inibição

Em 1862, publicou essas observações nas "Obras da Academia de Ciências de Paris", sob o título de: "Notas sobre os moderadores dos movimentos reflexos no cérebro da rã", com um prefácio de Claude Bernard

Esse fato é interessante de ser salientado, porque numa biografia americana de Claude Bernard, Olmsted nega a prioridade de Sétchenov, atribuindo-a a Bernard.

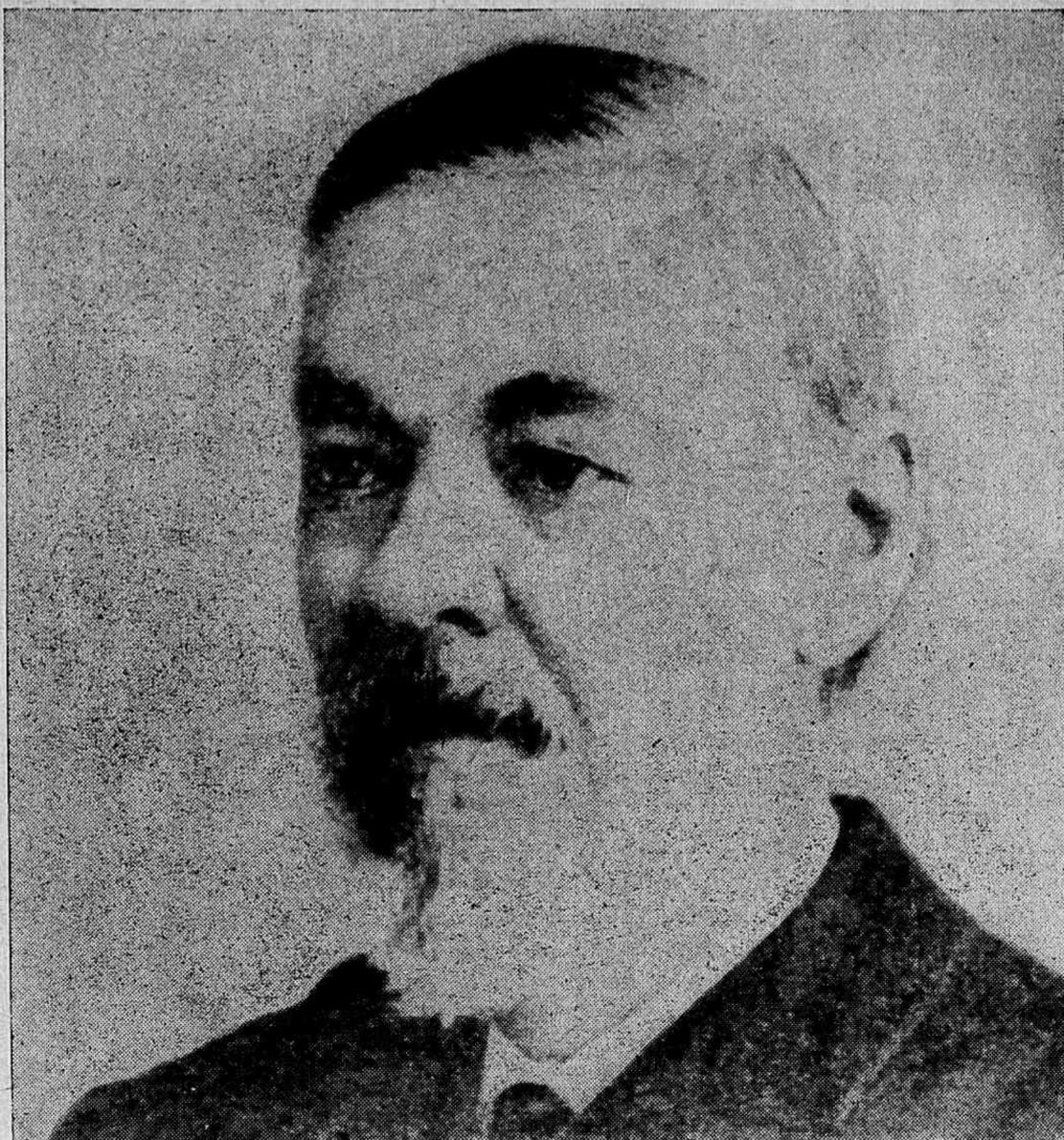
Em 1863, esses trabalhos passam a ser publicados na Rússia, no Boletim da Academia de Petersburgo. Pavlov disse, a respeito: "O fato descrito por Sétchenov foi o primeiro trabalho independente e original, dentro do pensamento russo em fisiologia".

Para avaliar o papel da Inibição Central, Sétchenov não se limitou à descoberta de um ponto cuja excitação fosse capaz de inibir os reflexos medulares, mas verificou experimentalmente os caminhos e as maneiras de se realizarem os atos da Inibição Central e, com isto, abriu uma nova página nas idéias fisiológicas sobre a natureza dos atos reflexos.

Sétchenov e seus discípulos mostraram também que, ao lado dos centros de Inibição, existem os centros de Excitação e demonstraram ainda que os mecanismos inibidores existem não só no cérebro como na medula.

Estudando as condições do aparecimento reflexo nos fenômenos de inibição, como por exemplo os Reflexos Motores, Sétchenov descobriu certos fenômenos importantes que mostram a inter-relação entre as zonas centrais e periféricas do Sistema Nervoso.

Antes de dar publicidade aos seus trabalhos, Sétchenov costumava descrever os seus experimentos, em cartas para sua noiva, que seria mais tarde sua esposa e companheira: Maria Alexandróvna Bokova. Sobre o assunto relacionado com os Reflexos do Cérebro, há uma carta em que relata as suas experiências, chamando jocosamente de "Experimento da Da-



SÉTCHENOV

ma de Branco", cuja figura principal é uma Rã.

Nessa observação, sobre os centros inibidores na medula e os mecanismos da coordenação, ressalta a analogia da Inibição Central dos Reflexos Medulares e os mecanismos inibidores da nossa Atividade Cardíaca. Através desses estudos, chega à conclusão do papel inibidor do Nervo Vago sobre o coração (idéias de Weber).

Segundo Pavlov, Sétchenov foi o iniciador da nova direção na Fisiologia.

AS AÇÕES REFLEXAS DO CÉREBRO

Já em Paris, na cabeça de Sétchenov fermentavam as idéias sobre os "Reflexos do Cérebro" (1858), quando foi convidado pelo seu redator, o poeta Negrásov, a colaborar na revista "O Contemporâneo" (Sovremenik). Sétchenov então respondia que "não sabia escrever popularmente, porque começava bem e terminava mal, mas que tinha esperanças de aprender a escrever para as massas populares".

Chegando de Paris, entrega o seu trabalho à revista, a fim de que fosse publicado com o título: "Tentativa de introduzir bases fisiológicas nos processos psíquicos".

Mas a censura do governo proibiu a publicação desse trabalho com esse título e, somente depois de longo período de luta contra a censura que imperava também no terreno da ciência, a genial obra de Sétchenov aparece a lume, em fins de 1863, na revista "Notícias Médicas".

Não se pode aqui descrever a repercussão dessa obra. Sabemos que, contra os "Reflexos Cerebrais" e o seu autor, em julho de 1866, foi iniciado um processo judicial e, durante uma série de anos, a descoberta fisiológica de Sétchenov ficou interdita.

Quando então foi perguntado a Sétchenov, que advogado desejava contratar para sua defesa, na hora do julgamento, ele respondeu: "Para que eu quero advogado? No dia do julgamento, eu levo ao tribunal uma rã e realizo diante dos juizes as minhas experiências. Então o promotor que se encarregue de me contradizer!"

Essa era uma época de grande efervescência política e, por isso, de violenta repressão policial. Tinha havido um atentado contra a vida do imperador e, quanto a Sétchenov, teve os seus passos e ações marcados pelas autoridades czaristas, até o fim de sua vida.

Porém, não cessou o papel social da obra de Sétchenov, principalmente no espírito da juventude.

Em 1871, transporta-se para Odessa, indo trabalhar na Clínica Novorossisk, continuando a realizar importantes estudos. Aprofundando os princípios estabelecidos nos Reflexos Cerebrais, escreveu o seu famoso tratado: "Quem e como deve se desenvolver a fisiologia".

Nessa época, tomam vulto as obras de Pisarev, enquanto que Sétchenov dirige pesquisas e faz traduções dos fisiologistas em voga: Hermann, Quinney e Funk. Torna-se amigo de Kovaliévski, paleontologista e fundador da embriologia evolutiva.

AS CONCEPÇÕES PSICO-FISIOLÓGICAS DE SÉTCHENOV

Em 1863, como vimos, é realizada por Sétchenov a primeira tentativa na literatura universal, de introduzir os métodos fisiológicos na análise dos fenômenos psíquicos mais complexos.

O primeiro título de sua obra foi: "Tentativas de dar bases fisiológicas à origem dos fenômenos psíquicos". Apesar da censura, insistiu nesse tema e nesse trabalho afirmava o seguinte: "Todos os atos da vida consciente ou inconsciente, pela sua origem, são reflexos". Para Sétchenov, toda a vida mental, com as suas manifestações, depende de excitações do meio externo, e sua transmissão se faz através de processos no Sistema Nervoso.

Numa forma excepcional, em muitos exemplos mostrou o papel formador de certos processos do meio sobre os processos nervosos. Afirmava que: "a causa primeira de todo ato humano está fóra do homem, e que: "A atividade mental é impossível sem uma excitação vinda do meio exterior".

Ele formulou o seu ponto de vista relativo à aplicação dos métodos fisiológicos nos processos psíquicos: "Todos os atos psíquicos que se realizam de acordo com o tipo dos atos reflexos, deviam se sujeitar inteiramente a uma pesquisa fisiológica, porque é ao campo desta ciência que pertence diretamente a sua origem, que é a excitação vinda de fóra, e o seu fim, que é o movimento. Mais ainda, deve ficar sujeito a esta pesquisa também o meio, que é o elemento psíquico, no sentido restrito desta palavra, porque este último é frequentemente, sinão sempre, uma parte integrante do processo e não um fenômeno independente, como se pensava antes".

Diz Sétchenov que, quando viajou pelo estrangeiro, os laboratórios do oeste europeu lhe deram rico material de pesquisa para penetrar os mistérios da fisiologia, da física e química dos processos nervosos. Mas, por outro lado, a situação filosófica dos problemas que o preocupavam era muito precária nesses meios onde trabalhou, mormente na Alemanha, onde os pontos de vista eram idealistas e metafísicos.

Nessa época (1867), preocupava-se Sétchenov em achar uma teoria e um método para os problemas da Psicologia, como também se interes-

sava seriamente pelas questões fundamentais da filosofia. Ele caustica o espírito metafísico predominante na psicologia e levanta pesadas críticas aos transcendentalistas alemães, como Kant, Fichte, Schering e Hegel.

Em 1871, Kavelin escreve um livro, "Problemas da Psicologia", combatendo as idéias de Sétchenov, estabelecendo-se então uma polémica entre ambos. Dostoievski toma partido contra Sétchenov.

Interessado agora em desvendar os problemas da origem e desenvolvimento da Consciência, procura conhecer os trabalhos de Darwin, que traduz para o russo, sempre ajudado por sua mulher, e estuda também Spencer. Trata de questões relacionadas com o aparecimento e desenvolvimento dos processos psíquicos desde a mais tenra idade e investiga os fenômenos da psicologia infantil e da teoria da evolução. A análise do desenvolvimento individual do comportamento de uma criança possibilita a Sétchenov tirar diversas observações. "Qualquer excitação inicialmente, é capaz de provocar uma atividade muscular, de conjunto, das crianças. Depois, vai se tornando cada vez mais restrita essa atividade a um grupo de músculos, participante dos atos reflexos. Finalmente se limita a aquele grupo particular de músculos, que são ligados a uma dada reação. Exemplo: a visão ou o som de uma campainha, numa criança de meses pode provocar uma reação de quasi todos os músculos do organismo. Com mais idade, esta campainha torna-se um brinquedo, provocando movimentos apenas dos músculos da mão, e finalmente uma criança que já fale, põe em funcionamento apenas músculos da garganta, por meio dos quais a criança pronuncia o nome da campainha".

Por volta desse mesmo período, Lenin preocupa-se com todos esses problemas e no seu livro, "Quem são os Amigos do Povo" (1894), é apontado o papel dos trabalhos de Sétchenov para uma dada etapa da luta revolucionária russa contra os adversários idealistas.

Na sua obra, "Materialismo e Empiricrítico", Lenin ainda levanta a "Teoria do Reflexo", contra as idéias dos "Símbolos de Helmholtz" e dos "Hieroglifos de Plekanov". Eis as concepções de Lenin: "A imagem nunca pode corresponder exatamente ao modelo, mas uma coisa é a imagem e outra coisa é o símbolo. A imagem é necessária e pressupõe necessariamente a realidade objetiva do que é refletido. O símbolo, o hieroglifo, são conceitos que trazem um elemento absolutamente desnecessário de agnosticismo".

Salientamos essas idéias de Lenin, porque nessa mesma direção de pensamento, Sétchenov escreveu um artigo, "Impressão e Realidade", onde dizia: "Existe um ponto de vista de acordo com o qual nós recebemos, através dos órgãos dos sentidos, apenas certos sinais convencionais dos objetos do mundo exterior". Então, Sétchenov pergunta: "Como nós podemos conciliar o fato desta cog-

noscibilidade aparentemente convencional do mundo exterior com os grandes sucessos das ciências materiais, graças aos quais o homem domina cada vez mais as forças da natureza?"

Sétchenov próprio responde: "Parece que esta ciência trabalha com sinais sensoriais convencionais, de uma realidade inacessível e enquanto de fato se constroi um sistema cada vez mais estruturado de conhecimentos reais, que são constantemente confirmados pelas suas brilhantes aplicações à prática, pelos sucessos na técnica".

Kosntoiantz diz, na sua "História da Fisiologia na Rússia", que é falsa a constante citação de certos autores, de que Helmholtz e Sétchenov sejam adeptos amos da "teoria dos símbolos", mas que na obra de Lenin, "Materialismo e Empiricrítico", no capítulo dedicado à crítica da "teoria dos hieroglifos", Lenin ataca o nome de Helmholtz, mas não cita o de Sétchenov.

Lenin e Sétchenov escreveram, sobre este assunto, as mesmas idéias, sem um ter conhecimento da obra do outro. Em 1903, Lenin, de Genebra, escrevia à sua mãe, pedindo-lhe que "comprasse alguns livros, entre os quais o livro de Sétchenov, "Elementos do Pensamento", saído recentemente".

AS RELAÇÕES DOS TRABALHOS DE SÉTCHENOV E PAVLOV, NA TEORIA DA ATIVIDADE NERVOSA SUPERIOR

A semelhança básica e as relações históricas e lógicas entre os trabalhos de Sétchenov e Pavlov, consistem em que, tanto para Pavlov como para Sétchenov, na formação dos atos mais complexos na Atividade Psíquica, desempenha um papel preponderante o meio em que o organismo se desenvolve.

Os trabalhos de Pavlov sobre os Reflexos mostram que o próprio Reflexo aparece e se desenvolve pela participação de determinadas condições de existência do organismo e dependendo das inter-relações entre o organismo e o meio. A afirmação fundamental de Sétchenov de que o organismo não pode existir sem o meio exterior que o sustenta, recebe nos trabalhos de Pavlov sobre os Reflexos Condicionados, a sua confirmação experimental.

Tanto para um como para outro, é característica a introdução do método fisiológico objetivo, no estudo dos complexos fenômenos psíquicos. Antes deles, a maior parte dos psicólogos ficava no plano do dualismo filosófico.

Exatamente no estudo dos Reflexos Condicionados, nós temos o ponto final do longo caminho de pesquisas dos filósofos e naturalistas, que insistentemente procuram ultrapassar a contraposição dos processos espirituais aos corporais.

Nesse período (1876-1888), Sétchenov e Pavlov trabalhavam em Petersburgo, porém sem se encon-

trar: Sétchenov nas suas pesquisas e Pavlov no campo da digestão, circulação e problemas da farmacologia. Sétchenov dedicava-se a estudos experimentais físico-químicos do "condutor da corrente nervosa", como também mergulhava nos problemas fundamentais da psicofisiologia.

No comêço dos anos 90, quando Pavlov esteve no áuge de seus trabalhos sobre a fisiologia da digestão e no início de suas árduas pesquisas sobre a "secreção psíquica", Sétchenov abandona Petersburgo e vai para Moscou. Isso acarretou o contínuo desencontro pessoal dos dois gênios, não se conhecendo até hoje qualquer informação concreta de que eles tenham mantido correspondência entre si.

SÉTCHENOV, FUNDADOR DA CIÊNCIA DO CÉREBRO

Em 1864, Sétchenov começa a escrever o seu tratado sobre a "Fisiologia do Sistema Nervoso", que é publicado em 1866. Esse é um apanhado dos fatos descobertos por ele e seus discípulos, apresentando uma nova posição técnica frente aos problemas fisiológicos do Sistema Nervoso.

No prefácio, Sétchenov salienta a originalidade de sua obra, considerando que até essa data, em todos os compêndios, os fisiologistas só descreviam a anatomia do Sistema Nervoso e, como complemento, davam a função dos Nervos Simpáticos. Ele então "resolveu descrever os atos nervosos como eles se processam".

Nessa obra, surge uma tentativa completamente nova de mostrar os Atos Reflexos como um processo de conjunto e, ao mesmo tempo, era

mostrado o papel dos Atos Reflexos particulares, como consequências das peculiaridades nas relações anátomo-fisiológicas entre os Aparelhos Nervosos Periféricos e Centrais, peculiaridades estas formadas no decorrer do processo da evolução.

O problema da somação das excitações e seu papel para a concretização dos processos de excitação tanto do Sistema Nervoso Central como do Periférico, foi uma descoberta de Sétchenov. Uma carta de Sétchenov à esposa, Sétchenov-Bokova, é o testemunho disso (1868): "... por êste meio, nós podemos possivelmente medir a peculiaridade dos centros nervosos de somar as excitações particulares".

Na fisiologia moderna, há certos fatos que são atribuídos ao nome de Sherrington. Mas muito antes que Sherrington, os conceitos gerais sobre "o papel proprioceptivo dos músculos e o seu significado fisiológico" foram apresentados por Sétchenov. Em 1866, nas suas aulas sobre a fisiologia do Sistema Nervoso, 25 anos antes dos trabalhos de Sherrington, Sétchenov descreveu a chamada "sensação muscular obscura", que, segundo ele, "junto com as sensações da pele e visuais, serve, como se diz, de principal diretor da consciência, no trabalho de coordenação dos movimentos".

Em 1888, sai da Universidade de Petersburgo, tencionando instalar um laboratório particular, na aldeia de Klepino. Em 89, retorna à Universidade de Moscou, 33 anos após a sua formatura. Entra assim no último período dos seus trabalhos.

Em 1894, realiza-se em Moscou um Congresso de Médicos e Naturalistas, no qual se destacam as duas figuras de Sétchenov e Timyriazev. Uma caricatura da época represen-

tava os dois sábios colocados num campo, em que lutavam com as chamas de seus cursos e conferências; no outro campo, estavam os seus adversários, que aqueciam as suas mãos nessas chamas.

Sétchenov continuou, depois, realizando novas pesquisas, em 1900, 1903, entre as quais as seguintes: "Participação do Sistema Nervoso nos movimentos de trabalho no homem"; "Participação dos órgãos dos sentidos nos trabalhos dos cégos e dos são"; "Ensaio dos movimentos dos trabalhos no homem", etc.

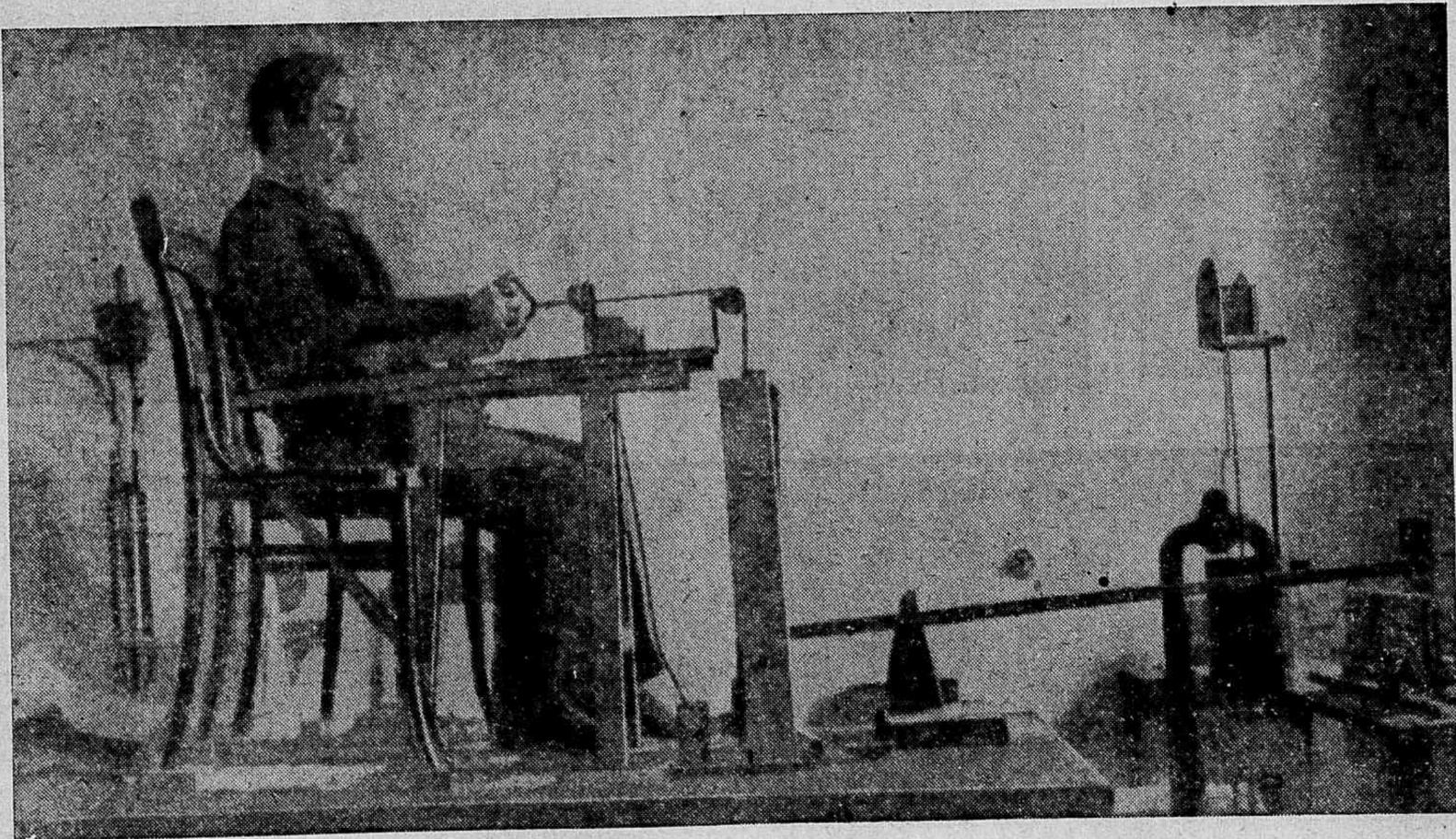
Como seus principais continuadores, deixou: Pavlov, Vastarnov e Vidienski, em Petersburgo; Mislavski e Samoiolov em Kazan; Danilevski, em Kharkov; Tchagovetz, em Kiev; e Chatiernikov, em Moscou.

Existe uma impressionante descrição da figura de Sétchenov, feita por Samoiolov. Em 1929, a fim de melhor poder conhecer a personalidade e a obra do mestre, Pavlov escreve a Chatiernikov, solicitando alguns dados mais íntimos da vida de Sétchenov. Referindo-se então ao grande humanismo do mestre, Pavlov disse que "Sétchenov estava tomado pelas emoções do amor".

Sétchenov morreu no dia 2 (15) de novembro de 1905.

*

(Os dados apresentados neste artigo foram extraídos, principalmente, de duas obras fundamentais: a) "Estudos Psicológicos", de Sétchenov (As Ações Reflexas do Cérebro e Noções gerais sobre o Estudo da Psicologia), traduzidos para o francês, por Victor Derély; edição de 1884. b) "Ensaio sobre a História da Fisiologia na Rússia" de Koshtoiantz, professor de Fisiologia na Universidade de Moscou (do original russo); edição de 1946.



Sétchenov em seu laboratório

A GUERRA



Os colonialistas jamais hesitaram ante os crimes mais hediondos. A arma microbiana, ao contrário do que geralmente se pensa, sempre fez parte dos seus planos de rapina. Já em 1763, o general inglês Amhurst escrevia a um seu subordinado, o coronel Buket, operando na Índia, o seguinte: «Não seria possível tentar propagar a varíola no seio das tribus indús rebeldes? É preciso utilizar todos os meios para submetê-las.» E o coronel obediente respondia: «Sim, perfeitamente. Tentarei propagar a varíola por meio de cobertores infectados que nós encontraremos um modo de fazê-los usar.»

Hoje, como não podia deixar de ser, os métodos são menos primários. E as fotografias que reproduzimos documentam o progresso alcançado pelos criminosos de guerra. Em janeiro deste ano, o general americano Creasy assim explicava à sua gente as vantagens da arma microbiana: «Contrariamente à bomba atômica, ou qualquer outra arma explosiva, a guerra bacteriológica é essencialmente dirigida contra os homens, uma vez que não destroi as construções e as máquinas, mas age contra o próprio homem ou contra aquilo que o alimenta, isto é, o gado e as culturas.» Há dias, aliás, um telegrama da Associated Press anunciava o «bom» resultado que a R A F vinha obtendo com o emprêgo na Malásia «de pequenas bombas contendo hormônios antivegetais que se revelam particularmente eficazes para destruir as colheitas de cereais nas zonas ocupadas pelos comunistas.»

* * *

A guerra microbiana é o mais desumano e o mais covarde de todos os crimes. Mas não há argumento de ordem moral capaz de convencer tais abutres. Só o pêso da condenação universal poderá fazê-los recuar, temerosos das consequências políticas do seu ato infame.

O'Neil



MICROBIANA

Um grupo de destacadas personalidades, a propósito da guerra bacteriológica, lançou o seguinte documento:

«AO POVO BRASILEIRO

As circunstâncias do presente estão a indicar a possibilidade sombria do uso intensivo de armas bacteriológicas na Coreia e na China, de acordo com as denúncias de várias fontes, inclusive de uma Comissão de Juristas Democratas. O emprego dessa arma bacteriológica, em fase de experimentação contra os povos coreano e chinês, seria assim uma verificação da eficiência dos trabalhos de laboratório que, de acordo com os «Anais Científicos» americanos, vem sendo anunciadamente realizados, desde 1947, pelo «Centro de Pesquisas para a guerra bacteriológica», em Campo Detrick (Maryland), Vilno (Indiana) e Haro Island (Mississippi), nos Estados Unidos, em contribuição aos trabalhos anteriormente levados a efeito pelos japoneses na guerra contra a China. São os próprios estados maiores e figuras proeminentes da política dos Estados Unidos, que tornaram públicos esses preparativos e sua intenção de utilização dessa arma.

Esses fatos, cuja gravidade não pode deixar de ser observada por todos os homens de boa vontade que almejam a Paz, apresentam ainda o caráter de uma violação patente do direito internacional concretizado no Protocolo de Genebra em 17 de Julho de 1925, que proíbe expressamente a guerra bacteriológica. É, pois, imperiosamente necessário que esse Protocolo seja assinado, ratificado e respeitado por todos os Estados, sem exceção, principalmente pelos Estados Unidos, única das grandes potências que não o firmou.

E' preciso que a opinião pública e tribunais competentes condenem como criminosos de guerra as pessoas culpadas da utilização dessa covarde e monstruosa arma de guerra.

Para evitar que se consuma esse hediondo crime que se começa já a praticar, certos de que interpretamos o sentir da totalidade dos brasileiros, trazemos aqui o nosso apêlo para que todos os homens de nossa terra se pronunciem da mesma forma, condenando as armas bacteriológicas.

Se não agirmos, todos nós, em defesa dos inocentes e pela punição dos culpados, fazendo cessar a guerra bacteriológica, não haverá amanhã qualquer limitação às forças de extermínio que ameaçam a humanidade de nossos dias.

Condenando a guerra bacteriológica, estamos sustentando a mais nobre das causas, que é a do direito à vida de todos os homens e do respeito à pessoa humana.

aa.) HENRIQUE FIALHO, Desembargador; OSNI DUARTE PEREIRA, Juiz de Direito; JOSÉ DO PATROCÍNIO GALLOTTI, Juiz de Direito; CAMPOS VERGAL, Deputado Federal; EVANDRO LINS E SILVA, Advogado Criminal; EUZÉBIO ROCHA, Deputado Federal; PLÍNIO COELHO, Deputado Federal; GONDIN DA FONSECA, Jornalista; ODILON BATISTA, Médico; MARIO FABIÃO, Médico; JOÃO LUIZ DE CARVALHO, Vereador do Distrito Federal; MOREIRA DA ROCHA, Deputado Federal e CLODOMIR MILET, Deputado Federal.

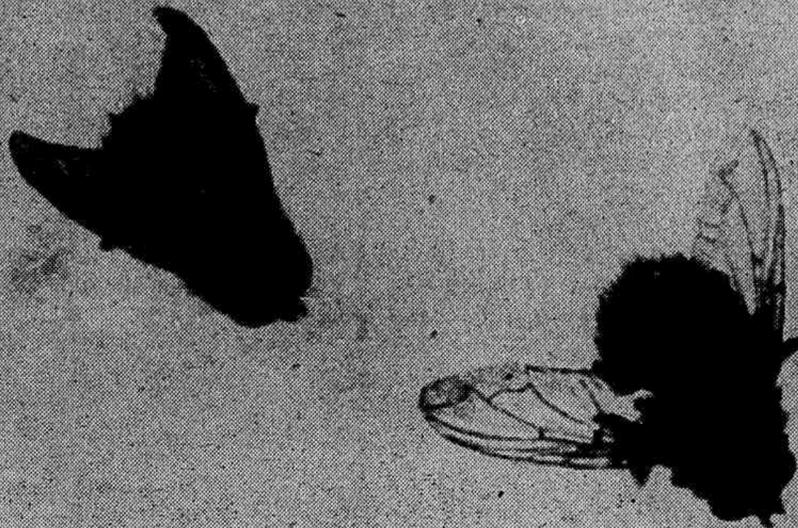
Posteriormente à publicação deste documento, inúmeras personalidades de São Paulo e de outros Estados a ele aderiram. Por outro lado, a imprensa democrática tem recolhido os protestos individuais contra a guerra microbiana de diversos parlamentares e escritores, entre os quais os gauchos Érico Veríssimo e Moisés Velinho.

fundamentos

La guerre bacteriologique U. S.
en Corée et en Chine

Ce soir
LE JOURNAL D'INFORMATION INTERNATIONALE

CES DOCUMENTS ACCUSENT



Mesures de précaution
contre les épidémies



Fac-simile da denúncia publicada pelo jornal francês "Ce Soir" e reproduzida nas páginas do "Life". Os clichés mostram insetos colhidos nas regiões bombardeadas e um grupo de crianças sendo vacinadas contra as epidemias propagadas pelas bombas microbianas.

Sôbre o cinquentenário de "Os Sertões"

CLOVIS MOURA

Precisamente há cinquenta anos surgiu na arena editorial do país um livro escrito por um semi-obsuro engenheiro fluminense ocupado em S. José do Rio Pardo na construção de uma ponte e que, daí por diante, não mais sairia da cena literária do país. Abordando um tema dos mais complexos, tendo, além disso, um lastro intelectual eivado de contradições, sofrendo, inclusive, influências de autores estrangeiros que poderiam levar essa obra para um caminho reacionário, o livro se impôs de imediato, despertando a atenção e o entusiasmo não somente de intelectuais bem pensantes e especialistas do assunto, mas da opinião pública em geral, das camadas mais amplas do povo que veriam nele não apenas uma obra de erudição — por si só demonstrativa do estôfo intelectual de escol do seu autor — mas uma arma poderosa de luta, um libelo acusatório contra nossos males sociais que, nas páginas vigorosas do livro, eram analisados com uma coragem ímpar entre os intelectuais do tempo. Essa obra chamava-se "Os Sertões" seu autor, Euclides da Cunha.

De fato: Euclides da Cunha vinha de uma ascendência teórica que não era das mais avançadas e progressistas para sua época. Espírito enciclopédico, inquieto, telúrico, abeberou-se naquelas teorias que, vindas do exterior, eram mais difundidas e estavam em moda nos nossos meios intelectuais. Numa época em que o próprio socialismo utópico já havia sido desbancado pelo vigor e a justiça científica inabalável do marxismo, Burkle, Spencer, Lombroso, V. de le Blanche, Ratzel e Comte eram (pelo menos é o que se depreende das páginas de "Os Sertões") seus autores de cabeceira e sob cuja influência, direta ou remota, gizou as linhas gerais do seu livro genial. Dividiu-o então em duas partes: "a terra e o homem" como recomendava, naquele tempo, a metodologia em moda da escola de Le Blanche. E mais: ao procurar estudar nossa formação antropológica Euclides da Cunha, muitas vezes, apanhado pela camisa-de-fôrça daquelas teorias, tinha de reagir sobre elas para não cair em teses reacionárias, inteiramente desligadas da realidade histórica. Mas, sua visão genial, sua honestidade intelectual fé-lo guiar-se mais pela realidade histórica do sertão brasileiro do que pelas teorias livrescas aprendidas na época em que a desconhecia. Spencer, por quem Euclides teve durante determinado período admiração particular, era, naquela época, o ideólogo da burguesia imperialista que procurava explicar a política de rapina da Inglaterra através de uma teoria "evolucionista", mas de um evolucionismo meramente quantitativo, metafísico, que negava os saltos qualitativos na evolução e que, no fundamental, explicava o domínio dos povos "superiores" sobre os "inferiores" e a segregação

racial. "Tinha as idéias burguesas do mercador inglês." (Lenin.)

O próprio Comte era um retrocesso ideológico para sua época; sua teoria um broto da burguesia francesa, o centro de sua sociologia a negação da luta de classes ou sua atenuação, embora, no caso particular do Brasil, tenha o positivismo desempenhado papel progressista em algumas questões particulares.

Foi nesses autores que Euclides da Cunha travou os primeiros contactos com a ciência social do seu tempo. Sob a influência deles escreve a sua obra fundamental. Aliás, o que surpreende é o conhecimento fabuloso que Euclides tinha desses autores, citando-os no livro. Até um sociólogo burguês de ressonância tão pequena como Sighele é citado. E, diga-se de passagem, não citado apenas à moda do Sr. Gilberto Freire, mas do ponto de quem o estudou e assimilou o seu pensamento.

Como vemos, Euclides da Cunha conhecia o pensamento social do seu tempo de modo profundo e sistemático: desde as teorias mais reacionárias e que já surgiam na Europa convulsionada do século XIX para combater o socialismo de Marx que emergia com força avassaladora, até, posteriormente, o socialismo científico. E o conhecimento ulterior do pensamento de Marx levaria Euclides, algumas vezes, para as posições da classe operária não somente do ponto de vista teórico mas, também, prático. Euclides da Cunha chegou a redigir um manifesto socialista para uma organização operária em que reconhecia o socialismo marxista como a arma teórica capaz de libertar o proletariado das garras do capital escravizador. Mas esse conhecimento — ao que parece — só se verificaria após a publicação ou pelo menos após a feitura de "Os Sertões" que veio à luz sem nenhuma influência do marxismo.

Como explicar-se, então, o sentido altamente progressista, ativo e corajoso, das páginas do livro? Como conseguir justificar essa contradição que existe entre seu tablado ideológico (pelo menos inicial) e as conclusões a que chegou no livro e que estão em franca oposição às suas caras teorias?

Euclides da Cunha foi o autor que, em sua época, mais se aproximou de uma solução justa para os problemas brasileiros. Sua honestidade intelectual, a própria situação de escritor pobre, que sentia em suas carnes a realidade da inteligência nacional inteiramente desamparada, e, acima de tudo, a situação trágica do nosso interior, o latifúndio produzindo a miséria, a fome, a revolta, a massa camponesa sem terra, o descaso dos poderes públicos, tudo isso faria com que, ao se deparar com o drama impressionante de Canudos, em vez de procurar estudá-lo dentro de uma determinada

teoria reacionária, dentro de uma redoma ideológica ou sobre uma torre de marfim covarde, equidistante, enluado, procurou as causas daquela situação, acertando muitas vezes, errando outras, justamente por não dominar a teoria que o colocaria do ponto de vista daqueles sofrendores, daquela massa que fazia da luta religiosa uma luta social, um protesto contra o latifúndio e a situação bárbara de atraso em que vivia. "Estamos condenados à civilização", dizia Euclides. E acrescentava: "Ou pregredimos ou desapareceremos."

O progresso! Era sempre essa a perspectiva que Euclides tinha quando escrevia: o futuro. Suas palavras são sempre endereçadas aos dias que virão, não se adstrigem ao cotidiano e, daí, muitas das suas visões o preocupa. Sua formação intelectual dera-lhe uma ampla visão da ciência geográfica, embora deformada pelas escolas fatalistas em voga que pretendiam ver no homem uma munificência geográfica, inteiramente esmagado pela força do meio físico. No sertão brasileiro, onde essa impressão facilmente domina os estudiosos, Euclides, depois de descrever exaustivamente a região e abordar o assunto com uma profundidade surpreendente, embora muitas vezes pecando em detalhes não por insuficiência de conhecimentos mas por influência das teorias que abraçava, procura solucionar o problema, não dando como fato consumado para todo o sempre o domínio da natureza sobre o homem.

Indica exemplos históricos em que o homem corrigiu "o vício original da região". E sua visão de patriota antevê as consequências de planos para a fertilização do sertão: "Abarreirados os vales, inteligentemente escolhidos, em pontos pouco intervalados, por toda a extensão do território sertanejo, três consequências inevitáveis decorreriam: atenuar-se-iam de modo considerável a drenagem violenta do solo, e as suas consequências lastimáveis; formar-se-lhes-iam à ourela, inscritas na rede das derivações, fecundas áreas de cultura; e fixar-se-ia uma situação de equilíbrio para a instabilidade do clima, porque os numerosos açudes uniformemente distribuídos e constituindo dilatada superfície de vaporização, teriam, naturalmente, no correr dos tempos, a influência moderadora de um mar interior, de importância extrema". E terminava: "O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida..." Euclides, como se vê, não parava na descrição da miséria do nosso povo, mas procurava o remédio.

Imagine-se ele atualmente tendo notícias das grandes obras de reflorestamento e de conquista de regiões desertas realizadas na União Soviética, dos maravilhosos planos stalinianos de recuperação econômica de extensas áreas

outrora desabitadas e hoje incorporadas ao jardim de Paz e trabalho da grande pátria socialista de Lenin.

Mas, voltemos ao nosso ponto inicial de análise: quão distante não se encontra esse Euclides que perquire as causas do nosso atraso e aponta soluções, do adepto das teorias reacionárias que surgiram no palco internacional como arma ideológica da burguesia exploradora...

O livro, em seu conjunto, é uma negação daquelas teorias. E é sobre esse conjunto positivo não só de sua obra geral como do seu livro que nasce sua popularidade, sua atualidade.

O problema da terra, no livro de Euclides, tem, em alguns pontos, um sentido muito abstrato. A terra se transforma, algumas vezes, em fórmulas um tanto escolásticas. Estuda mais a terra do ponto de vista do geógrafo ou do geólogo, subestimando o problema social, de propriedade. Mas, não esqueceu o problema. Estudando em "Os Sertões" a formação histórica de um trecho do nosso território Euclides refere-se aos latifundiários da Casa da Torre de Garcia D'Avila. E diz: "Em toda esta superfície de terras que abusivas concessões de sesmarias subordinaram à posse de uma só família" estava a causa "da feição mais durável do nosso feudalismo tacanho".

Essa caracterização de nossa estrutura social como feudal, tem particular importância para a época e, especialmente, para a obra de Euclides da Cunha. Num momento em que quase sempre ainda procurávamos esconder essa realidade, quando o porque-me-ufanismo dominava grosso-modo os principais pensadores em evidência, Euclides rasga decididamente as convenções e caracteriza lapidariamente nossa situação. E ele quem diz:

... "o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdam velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas".

O latifúndio, nosso "feudalismo tacanho" estava em frente de Euclides com seus sintomas por demais gritantes para que ele não o visse. E ele não podia deixar de execrá-lo com as diatribes do seu verbo de fogo. "Os possuidores do solo — dizia — de que são modelos clássicos os herdeiros de Antônio Guedes de Brito, eram ciosos dos dilatados latifúndios, sem raias, avassalando a terra. A custo toleravam a intervenção da própria metrópole". Descrevendo a luta de Canudos estuda-a como uma consequência do atraso da região. Ao referir-se ao Conselheiro não o classifica como um "criminoso nato" da escola lombrosiana, mas como vítima das relações sociais do campo:

"Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a atitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou".

Depois:

"...as fases singulares de sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos preponderantes de mal social gravíssimo".

A diferenciação profunda de classes no campo, de um lado os "descendentes dos opulentos sesmeiros" na abundância, gozando "parasitariamente as rendas de suas terras" e de outro a massa camponesa, composta de "anônimos — nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra — perdidos nos arrasadores e mocambos; e cuidando a vida inteira fielmente de rebanhos que lhes não pertencem" marcará profundamente o pensamento de Euclides da Cunha.

Outro aspecto positivo da obra euclidiana é a perspectiva em que se coloca frente aos dois grupos em luta em Canudos. Velho republicano, tendo sofrido, inclusive, as consequências de sua posição política, amigo e companheiro dos maiores vultos que fizeram a República, Euclides poderia deixar-se levar pelas aparências e, entre as duas facções em luta, colocar sua pena a serviço do governo, das "forças legais" que bárbaramente esmagavam os revoltosos de Canudos, vítimas das mazelas de um sistema incapaz de satisfazer aos anseios de bem-estar social e econômico das massas populares. Já naquele tempo o governo de Prudente de Moraes tinha por técnica resolver as questões sociais a bala: simples caso de polícia. Euclides, porém, cedo compreendeu a realidade da situação, as razões profundas do descontentamento do sertanejo manifestado através de uma forma religiosa e denunciou implacavelmente os desmandos e os assassinios praticados pelas "forças legais" contra aquela massa indefesa, vítima das condições injustas em que vivia. Não vacilou um momento. Desde a bestialidade de um Moreira César até à covardia de um Tamarindo estão nas páginas de "Os Sertões". Jamais o vemos tergiversar, mentir ou sofisticar a verdade para colocar-se em posição simpática ao governo. Sempre o vemos, pelo contrário, descrevendo com um realismo digno e olímpico, a sangüinária técnica repressiva dos republicanos de Prudente de Moraes... Seu livro não é um depoimento imparcial, é um libelo.

Desse conjunto de circunstâncias vemos emergir o conteúdo positivo do livro de Euclides. De um modo geral, a situação de atraso de nosso país, sua estrutura social arcaica, nossos males crônicos nele se encontram expostos, embora muitas vezes falseados por teorias das quais o autor com o tempo se libertaria.

GUARANÁ DA PAZ

FABRICADO POR

ANTÔNIO MONTESANO

KOELLREUTER, charlatão e plagiário

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

Por volta do ano de 1937, apareceu no Brasil um indivíduo de nacionalidade alemã que dizia ser músico de profissão. Atendia pelo arrevizado nome de Hans Joachin Koellreutter. Sempre que era apresentado a qualquer pessoa dizia que viera foragido da Alemanha nazista, em virtude de suas "atividades revolucionárias". Frequentara grandes cursos e a sua "formação artística" tinha sido realizada sob a orientação de várias celebridades, entre as quais citava Kurt Thomas, Herman Scherchen e Paul Hindemith (????!...)

Certo de que se achava em terra de botocudos e convencido de que "em casa de cego que tem um olho é rei", deu curso a uma lenda misteriosa em tórno de sua exótica figura de "perseguido antinazista". Propalou também, para convencer os mais ingênuos, que as suas composições tinham sido queimadas pela polícia nazista, razão porque aqui chegara de mãos vazias... Essas alegações serviam a dois propósitos escusos e falsos: emprestavam-lhe uma auréola de mártir do nazismo e, ao mesmo tempo, justificava o fato de não poder apresentar a "sua numerosa bagagem artística"... Muitos acreditaram nessas balélas e houve até quem se condoesse profundamente com a triste sorte do "perseguido" e lamentasse a irreparável perda que o nazismo causara ao "tesouro artístico da humanidade" ao reduzir a cinzas as "obras maravilhosas" do "eminente regente, flautista e compositor"...

Diz um velho ditado que "é mais fácil apanhar um mentiroso do que um coxo" e, pouco tempo depois, os conhecidos que aqui conseguira enganar, foram surpreendidos com a notícia de que Hans Joachin Koellreutter fôra preso pela polícia brasileira, sob a acusação de exercer atividades em favor do hitle-rismo...

Desvencilhando-se, ninguém sabe como, das malhas da polícia, Hans Joachin Koellreutter reapareceu em São Paulo, com a mesma pôse antiga, sobraçando a sua velha flauta, espécie de gazua com que abrisse as portas do Brasil. A cada pessoa em particular, êle dava, habilmente, uma explicação especial sobre o estranho ocorrido. Alguns acreditaram, outros ficaram de nariz torcido, cheios de desconfiança. Mas H. J. Koellreutter continuou vivendo e contando a triste história do seu martirólogo. A verdade no entanto é que êsse indivíduo se revelou prontamente um pérfido bifronte: procurou ligar-

se ao movimento cultural mais avançado, onde se achavam os comunistas, ao mesmo tempo que tratava de reunir alguns incautos para organizar um movimento de "renovação artística" a que deu o nome de "Música Viva". Ao lado desse trabalho, atirou-se audaciosamente no seio da Pró-Arte, organização de moldes nazifascistas, com sede em Teresópolis, onde, durante a guerra, se acoitava verdadeira chusma de partidários do eixo.

O manifesto de lançamento de "Música Viva", publicado em 1946, é um amontoado de sandices e contradições as mais estúpidas — expressão VIVA da incurável duplicidade do seu autor.

Na rede de uma "nova estética", cuja fraseologia "revolucionária" se destinava a semear a confusão, foram envolvidos alguns jovens de valor. A técnica fundamental de H. J. Koellreutter era envolver nesse movimento os nomes de maior projeção na vida cultural do Brasil. Assim é que Villa Lobos, Francisco Mignoni, Camargo Guarnieri, Mário de Andrade, Brasília Itiberê, Luiz Heitor e etc. viam-se contantemente citados nas publicações dirigidas por Koellreutter e seus comparsas.

Jogando com a vaidade de muitos, com a ingenuidade da maioria e a tolerância de todos, H. J. Koellreutter foi consolidando a sua posição e dissemiando no meio musical brasileiro as suas perniciosas teorias estéticas. Preparado o terreno, o aventureiro introduziu no Brasil o dodecafonismo — escola de fabricação de compositores em série destinada a desfigurar a música brasileira, tornando-a uma expressão da gagueira cacofônica do cosmopolitismo. E os anos foram passando. Um dia o compositor Camargo Guarnieri deu o alarme, através de uma "CARTA ABERTA" que ficou famosa e na qual denunciava a existência de um movimento organizado e dirigido no sentido de corromper e desnacionalizar os jovens músicos brasileiros, inculcando-lhes no espírito as falsas teorias de uma estética pretensamente progressista e revolucionária.

Nessa denúncia o nome de H. J. Koellreutter não foi citado, mas como dirigente ostensivo do movimento dodecafonista no Brasil êle apanhou a carapuça e saíu a público tentando salvar o contrabando que trouxera da Alemanha. Os seus apaniguados e comparsas foram rapidamente mobilizados e através da imprensa, caíu sobre o compositor Camargo Guarnieri uma verdadeira chuva de calúnias. Por

mais que se esforçassem, os energúmenos não conseguiram contestar as autorizadas palavras do compositor paulista. Quando sentiram que estavam semeando no vazio, resolveram ficar calados, mesmo porque é no silêncio que "certos trabalhos" devem ser feitos... Nada de muita luz ou muita discussão para não despertar suspeitas...

Embora não sendo músico, sempre frequentei o nosso meio musical e assim pude avaliar a novidade do trabalho sorrateiro que H. J. Koellreutter desenvolvia e ainda desenvolve no Brasil. Pessoalmente eu sempre tivera a convicção de que H. J. Koellreutter era um aventureiro, um charlatão que aqui aportara disfarçado em "perseguido político", incumbido de ganhar a confiança dos círculos mais progressistas de nossa cultura, com o objetivo de semear as suas idéias dissolventes sob o disfarce de uma linguagem revolucionária. E nunca fiz segredo dessa convicção que, cada dia, se tornava mais robusta.

Ao procurar defender-se das irrefutáveis acusações do compositor Camargo Guarnieri, o aventureiro Koellreutter tirou a máscara e, publicamente, proclamou-se partidário ardoroso das mais reacionárias e obscurantistas concepções estéticas. Diante disso, mais se arraigou em meu espírito a certeza de que estávamos frente a um indivíduo inteiramente sem escrúpulos e capaz, portanto, das mais sórdidas manobras para continuar embaindo a boa fé dos jovens músicos brasileiros.

Dias atrás, um estudante de música, Regis Duprat, chamou-me a atenção para um artigo intitulado "ASPECTOS ECONÔMICOS DA MÚSICA", de H. J. KOELLREUTTER, publicado no primeiro número da Revista FUNDAMENTOS. Tratava-se, dizia êle, de um plágio revoltante. E apontou-me as páginas do conhecido livro de ELIE SIEGMEISTER, "A MÚSICA E A SOCIEDADE" de onde o nosso herói copiara o seu artigo. Foi assim que descobri a fonte original das "idéias avançadas" de Hans Joachin Koellreutter, que agora apresento ao público brasileiro como um rematado plagiário.

Para que êle não possa negar a autoria do crime de que o acuso, transcrevo, palavra por palavra, vários trechos da obra citada, volume 96 da Biblioteca "Cosmos", de Lisboa, numa tradução de Fernando Lopes Graça, onde o intruditor do dodecafonismo no Brasil realizou a sua audaciosa pilhagem. É importante destacar que H. J. Koellreutter publicou o seu artigo em Junho de 1948 e a tradução de Elie Siegmeister foi editada em Portugal, em 29 de Outubro de 1945.

Aqui vai a "obra prima" do "professor" e "crítico musical" H. J. Koellreutter:

Siegmeister, pg. 10: "Em vez do apregoadíssimo "progresso" da música no mundo hodierno, verificamos que esta se acha, do princípio ao fim, numa agonia tão cruel como a que aflige todos os outros aspectos econômicos e culturais da sociedade contemporânea".

Koellreutter, pg. 41: "A arte, como todos os outros aspectos econômico — culturais da sociedade contemporânea, se encontra numa crise cujas sérias consequências ainda não podem ser calculadas".

Siegmeister, pg. 11: "Pelo que toca aos primeiros, os compositores perfeitamente apetrechados abundam hoje mais do que em época alguma da história; as dificuldades, porém, que obstruem o caminho do seu funcionamento normal crescem diariamente de uma forma tremenda com exceção do ramo comercial rendoso — o da música de dança popular — as suas obras acham-se na maior parte por publicar, sendo raramente executadas, pelo que permanecem quasi inteiramente desconhecidas do público".

Koellreutter, pg. 41: "Quanto aos primeiros, as dificuldades que obstruem o caminho de seu trabalho crescem diariamente com exceção do ramo comercial rendoso — o da música popular — as suas obras acham-se na maior parte por publicar, sendo rarissimamente executadas. Pode-se dizer, sem exagêro, que cerca de noventa por cento da música brasileira permanece inteiramente desconhecida do público, por falta de divulgação".

Siegmeister, pg. 11 e 12: "Não aparece dinheiro algum para recompensar o compositor de música séria — sonatas, sinfonias, quartetos, óperas — e a consequência é que, na América, nem um só compositor de semelhante música pode, como tal, viver do seu trabalho". "São obrigados a dar a maior parte do seu tempo a trabalhos de todos os gêneros."

Koellreutter, pg. 41: "Por outro lado, não há dinheiro algum para recompensar o compositor de música erudita. Este, impossibilitado de viver do seu trabalho, é obrigado a dar a maior parte do seu tempo a atividades de outros gêneros".

Siegmeister, pg. 12: "Mesmo aqueles compositores que trabalham no campo do jazz — o único que garante algumas possibilidades materiais — tem que fazer face à contradição social que resulta, por um lado, de uma sempre crescente busca de boa música popular e, por outro, do constante e catastrófico descréscimo na venda de música impressa. Acrescente-se a isso a progressiva monopolização das publicações musicais por um pequeno número de poderosas companhias, com as consequências que daí resultam de uma política editorial cada vez mais conservadora (os grandes fundos financeiros aconselham que se deve insistir na exploração dos grandes nomes, e no "arranjo" de números e estilos que já passaram; os compositores novos e



desconhecidos, assim como as formas e os estilos "experimentais" são riscos perigosos), e torna-se evidente que a luta do compositor de jazz para subsistir, se torna cada vez mais pre-

mente, a sua exploração pelas grandes companhias cada vez mais dura, e cada vez menores as possibilidades que há para as novas idéias e os novos talentos poderem romper."

Koellreuter pgs. 41 e 42: Mesmo os compositores que trabalham no rádio — o único meio que garante algumas possibilidades materiais — tem que fazer face ao problema econômico social resultante de um lado, da sempre crescente busca de boa música popular por parte do público, e de outro da monopolização das publicações musicais por um pequeno número de poderosas companhias editoras. Dêsse monopólio resulta uma política editorial cada vez mais conservadora e, culturalmente, desastrosas. Os grandes interesses financeiros aconselham a insistência na exploração dos grandes nomes, e no "arranjo" de números e estilos que já passaram. Os compositores novos e desconhecidos, assim como formas e estilos "experimentais", são considerados, riscos perigosos. Assim, a luta do compositor que trabalha no rádio e também no cinema, para substituir, se torna cada vez mais premente, sua exploração pelas grandes companhias cada vez mais dura. E cada vez menores as possibilidades para as novas idéias e para novos talentos."

Siegmeister, pg. 88: "Cerca de noventa por cento da música que hoje se toca nos concertos de importância é, segundo tôdas as probabilidades de compositores falecidos, enquanto a nova música tem que se defrontar com uma barreira de hostilidade, e os compositores vivos são relegados para uma posição de importância secundária, comparados com os virtuosos da orquestra, do canto ou do piano".

Koellreuter, pg. 42: "A grande maioria das obras que hoje se toca nos concertos de importância é de compositores falecidos, enquanto que a nova música se defronta com uma barreira de hostilidade. Os compositores vivos são relegados a uma posição de importância secundária comparados aos virtuosos de orquestra, do canto ou do piano".

Siegmeister, pg. 14 e 15: "Os actuais empreiteiros da indústria da música, os "anjinhos" consórcios de diretores e agências de empresários (êstes últimos cada vez mais debaixo do contróle das duas grandes organizações da rádio), sem os quais atividades alguma de concerto importantes podem funcionar hoje em dia, têm demonstrado, graças à sua incapacidade de prover às largas necessidades tanto dos produtores como dos consumidores de música, que o seu sistema baseado, por um lado, no financiamento particular e, por outro, no lucro particular, está fora de moda e não pode organizar a indústria da música de maneira a satisfazer as necessidades da sociedade contemporânea."

Koellreuter, pg. 42: "Os actuais empreiteiros da indústria da música, consórcios de diretores e agências de empresários, assim como sociedades comercializadas, sem os quais nenhuma atividade musical de importância pode funcionar hoje em dia, têm demonstrado sua incapacidade de prover, as largas necessidades, tanto dos

produtores como dos consumidores de música. Seu sistema baseado por um lado no financiamento particular, e por outro, no lucro particular, é ineficiente e não pode organizar a indústria da música de maneira a satisfazer as necessidades da sociedade contemporânea."

Siegmeister, pg. 13 "Embora a capacidade musical geral de uma larga camada de artistas executantes ultrapasse presentemente tudo o que de longe tem sido conseguido, o certo é que as oportunidades de utilizar tais habilidades têm sido drástica e tragicamente reduzidas, devido não só às condições econômicas gerais, como a transformações tecnológicas — rádio e cinema — as quais, se fossem racionalmente organizadas, podiam ser as mais poderosas forças auxiliares da música ainda vistas".

Koellreuter, pg. 42: As possibilidades de emprêgo de músicos profissionais, nos últimos decênios, tem sido drástica e tragicamente reduzidas, em virtude, não só de transformações tecnológicas — rádio e cinema sonoro — como das condições econômico-políticas em geral. — Êsses meios se fossem racionalmente organizados, poderiam ser as mais poderosas forças auxiliares da música."

Siegmeister, pgs. 13 e 14: "Contudo apesar da rádio ter produzido uma crise aguda na frequência dos concertos, o certo é que esta indústria emprega um número surpreendentemente diminuto de músicos." — "dezenas de milhares de músicos encontram-se a braços com o desemprego mais ou menos permanente." — "O facto indisputável é que o produtor e o consumidor não podem ajustar-se um ao outro". — "Temos de buscar as razões do abismo existente entre o produtor e o consumidor, não em qualquer espécie de penúria de recursos artísticos ou de capacidade econômica, mas na distribuição, tal como esta se encontra estabelecida, a qual se acha incapaz de funcionar racionalmente, precisamente pelas mesmas razões por que se acha incapaz de organizar a distribuição do trigo ou dos automóveis". — A crise não será devida nem ao falhanço da técnica da produção, nem ao desaparecimento da necessidade e do desejo de consumir: em cada um dos casos, o erro reside num sistema de distribuição que se baseia no lucro, em vez de se basear no consumo."

Koellreuter, pg. 42 "No Brasil, a indústria da música emprega um número surpreendentemente diminuto de músicos, cuja maioria se encontra atualmente a braços com o desemprego. É um facto incontestado que, em nossa indústria de música, o produtor e o consumidor estão longe de ajustar-se um ao outro. Não devemos procurar, entretanto, as causas dessa situação em qualquer espécie de penúria de recursos artísticos ou de capacidade econômica, mas na distribuição, tal como esta se encontra estabelecida, incapaz de organizar as forças da música, de maneira a pode-

rem funcionar, racionalmente, pelas mesmas razões por que é incapaz de organizar a distribuição do trigo e da carne, a crise atual, em qualquer um dos seus aspectos, não existe em virtude das falhas da técnica da produção, nem do desaparecimento da necessidade ou do desejo de consumir." — O erro, a causa da crise atual reside num sistema de distribuição que se baseia no lucro, em vez de basear-se no consumo".

Siegmeister, pg. 15: "Pôsto seja duvidoso que as novas agências distribuidoras substituam alguma vez o concerto público, é indubitável que tanto a rádio como o cinema contribuem enormemente para a difusão da cultura musical entre largas massas de público, que nunca tiveram contacto com o concerto público."

Koellreuter, pg. 42: "E não há dúvida de que tanto o rádio e o cinema como a gravação de discos contribuem enormemente para difusão da cultura musical entre as vastas camadas do povo, que nunca tiveram contacto com o concerto público, cuja utilidade em sua forma atual torna-se cada vez mais evidente".

Siegmeister, pg. 11: "Como nos outros campos, verificamos que o capitalismo criou para a produção, distribuição e consumo da música o aparato mais estupendo que o mundo ainda viu: aparato que, todavia, está de tal maneira crivado de contradições de base econômica na sua origem, que nega as suas próprias potencialidades e está se tornado rapidamente incapaz de funcionar."

Koellreuter, pg. 43: "Acontece, entretanto, que essas novas agências distribuidoras só cumprirão sua função econômico-artístico-social, quando estiverem em mãos do Estado. Em sua organização atual, crivadas das contradições de base econômica em sua origem, negam até suas próprias potencialidades".

Diante destas provas, creio não ser preciso mais nenhum comentário: H. J. Koellreuter se desmascara com as suas próprias palavras. O que causa pasmo é H. J. Koellreuter frequentar com grande destaque, as páginas de nossas revistas de luxo, ocupar o cargo de "crítico musical" de um dos mais importantes diários desta capital e ainda dar-se ao desplane de organizar em São Paulo um "Conservatório de Música," destinado a envenenar de forma sistemática o espírito de nossa juventude estudiosa.

Dirijo esta denúncia aos artistas e intelectuais honestos que inadvertidamente confiam a sua amizade e o seu respeito a um aventureiro sem escrúpulos — rebotalho do lodaçal onde apodrecem os mumificados representantes de uma cultura decadente — que aqui apareceu com a finalidade de corromper e desnacionalizar a música brasileira.

Confesso que trato dêste caso do charlatão e plaginário H. J. Koellreuter com a repugnância de quem escarpela um fedorento tumor.

P O E M A

PEDRO MOSSRI

1

Não há segrêdo para quem viu o mundo!
As portas estão abertas e iluminadas
embora paire no espaço algo de fome
que as canções não disfarçam nem escondem
embora circule entre nós a lei odiada
e seus amantes cínicos e parvos.
Sempre te conheci e te quiz
e meu amor se faz mais forte e mais duro
ante os trapos com que te cobres, a comida que comes
e a cabana miserável onde moras.

2

Sei de primaveras prisioneiras
nos corações dos homens e das pedras.
Sei de espigas douradas que mãos coletivas
plantaram e que branca não recolhe
para a festa inútil das pérolas e dos cristais.
Sei de imensas campinas e de enormes
florestas guardadas por cães e fuzis...
Sei de sangue anônimo vertido pela libertação
das rosas e dos olhos.
Sei de grades negras circundando faces puras
e corações humanos.
Sei também que o povo é imortal como a vida
que êle mesmo transmite e eleva.

3

Mas o que vale a rua podre em que giramos,
ante a visão da estrada larga e gloriosa
que a nossa vontade e a nossa luta construirão?
As armas que pagamos serão nossas.
As prisões que pagamos serão nossas.
Os campos e as águas serão nossos.

4

Não esqueceremos os mortos nem os vivos.
Não esqueceremos o passado nem o presente.
Houve homens bons e maus.
Houve covardes e firmes.
Houve homens, simplesmente.

5

As árvores estão grávidas de seiva e de sol.
As searas estão rindo das tempestades e dos ventos.
Mas os homens estão calados e tristes, magros e
[doentes.

Ninguém nega que há crianças gordas nos
[concursos oficiais.
Ninguém nega que há milhões de anjos mergulhando
[no vácuo.

Há muito gado e muito creme.
Há muita água e muito pêssego.
Há muita sede e muito pus incuráveis, porque o suor
não retorna em vitaminas, mas se transforma em
[peles,
em cubos de cimento, em orquídeas e em rubis.

6

Reconhecemos que existe o desespero, o caminho
[incerto
e obscuro. Mas a flor da calma e da fé no futuro
floresce dentro mesmo das trevas.
O homem é um animal que luta e que sonha.
O inimigo procura
levantar muros em tôrno da cidadela.
Mas nada impedirá que nossas mãos colham
rosas e liberdade nos latifúndios.

7

Creemos na alegria e no homem,
e é desta crença que nasce a nossa certeza,
a nossa esperança e a nossa vontade.
Zombamos das leis e das togas.
Rimos das fardas e das grades,
dos preconceitos e dos mitos.
Gargalhamos de tudo isso que forma a massa do
[pastel
burguês e que será moído no moinho
do povo e da vida.

8

O nosso ódio está maduro, mas os punhais
[continuam
ferindo e semeando dores profundíssimas.
Longe, a madrugada caminha e seus primeiros
[albores
iluminam as nossas mãos:
Já se percebe um rumor poderoso nos campos e
[nos jovens,
nas prisões e nas lágrimas.
Seremos outros, seremos alegres homens possuidores
da vida e do pão.
E quando soar o canto inicial, começaremos a
[rasgar
os alicerces na terra, a transportar pedras e cal,
madeiras e sorrisos para construir o Sonho!

LEONARDO: DESENHOS E MÁQUINAS

Inaugurou-se em Londres, durante o mês de Março, uma bela exposição de desenhos e máquinas de Leonardo da Vinci. Foram reunidos com muito discernimento nos salões da Royal Academy of Arts, uns duzentos desenhos preparativos de quadros (entre os quais os magníficos estudos da «Sant'Ana com a Virgem»), desenhos anatômicos, croquis e caricaturas grotescas, estudos para as máquinas mais variadas, algumas poesias e apontamentos manuscritos, — assim como a construção em escala de diversos engenhos idealizados pelo magistral renascentista.

Esta mostra esclarece e aponta de modo insofismável quão legítimo é definir Leonardo como o protótipo do pensador e criador do Renascimento. Analisando as obras expostas, verifica-se inicialmente nos inúmeros desenhos de anatomia, o interesse que tinha Leonardo pelas conexões, ligações e articulações do corpo humano; o que o fascinava era o «funcionamento», o processo orgânico e vital. Em outros termos: não dissecava dezenas de cadáveres tão apenas para ajuda estética de sua pintura, para melhor captar os gestos e posições do corpo humano; sua curiosidade visava apreender o segredo mesmo da articulação e do movimento, as leis e processos do movimento orgânico, do elan vital. A mesma orientação se verifica nos desenhos de máquinas e enge-

nhos bélicos. Não era seduzido apenas pela eficiência e resultado final do movimento mecânico; estudava especialmente o funcionamento e movimentação das partes; consequentemente seus desenhos são quasi todos dedicados a sistemas de transmissões: engrenagens, eixos dentados, pedais e alavancas.

A exposição, portanto, nos mostra um Leonardo de inteligência voltada para tôdas as atividades humanas, estreitamente ligado à realidade de seu tempo, pesquisando (mas não apenas no campo da forma e da técnica) e se interessando nos processos orgânicos cujas leis fossem comuns às mais variadas criações humanas. E precisamente nisto consistia uma das características renascentistas: a formação do pensamento sintético e a busca dum denominador comum, elemento essencial dos processos criativos, — que permitisse a participação e compreensão mais ampla da vida da época. Este pensamento foi um fator importante no imenso surto artístico e intelectual dos séculos XV e XVI. E Leonardo é indubitavelmente um símbolo desse imenso legado cultural tão vivo e próximo de nós que vivemos numa época por assim dizer «pré-clássica», na qual os intelectuais mais progressistas e mais ligados à realidade, desenvolvem processos sintéticos de pensamento para melhor se integrarem nas diversas esferas da atividade humana.

O 150.º ANIVERSARIO DE VICTOR HUGO NOS PAÍSES SOCIALISTAS



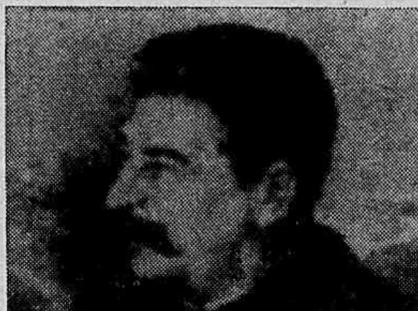
Confirmando mais uma vez a política de paz desenvolvida pela URSS, e as Republicas Populares, as comemorações do 150.º aniversário de Victor Hugo, o poeta da paz e defensor dos oprimidos, revestiram-se de um brilho e uma magnitude incalculáveis.

Na URSS, Vitor Hugo e a França mesclaram-se na vida cotidiana do povo soviético nas manifestações das fábricas e de todos os locais de trabalho. Paul Eluard, representante da

França no Comité de Victor Hugo de Moscou, fez um discurso ressaltando a atividade do poeta na luta pela paz e Hugo mereceu homenagens de homens como o cineasta Pudovkin, o poeta ucraniano Bajjan, o grande poeta turco Nazim Hikmet, e muitas outras personalidades do mundo intelectual e político. Enquanto isso, na Polónia, o Comité Polonês do 150º aniversário de Victor Hugo se constituía em Varsovia sob a presidência de Adam Rapacki, ministro da Cultura e das Artes, fazendo parte ainda inúmeras personalidades oficiais e artísticas, como os escritores: J. Andrzejowski, J. Iwaszkiewicz e A. Slonimski. Sob o patrocínio deste comité, uma série de manifestações desenrolou-se em todo o país, ressaltando-se a reunião comemorativa do PEN Clube. O escritor Jaroslaw Iwaszkiewicz fez uma conferên-

cia sobre a atividade de Victor Hugo, salientando a ação do poeta na sua obra e sua intervenção política em favor da Polónia oprimida.

Vários comités foram formados na Bulgária, Hungria, Rumania e Albania, com o fito de homenagear o grande escritor dos «Miseráveis» e «O homem que ri», e muitas edições populares de suas obras foram revisadas e reeditadas nestes países, colocando sempre em destaque a atividade progressista de Victor Hugo em favor da Paz e pela liberdade dos povos oprimidos.



OBRAS DE STALIN

A Editorial Vitória Ltda., que tantos serviços tem prestado à cultura brasileira com o lançamento de livros e estudos fundamentais no terreno da política, da ciência e da filosofia, iniciou agora um empreendimento da mais alta importância: a edição das Obras de J. V. Stalin.

O primeiro volume que acaba de chegar às livrarias é testemunho do cuidado e do critério com que foi planejada a edição. É um tomo graficamente primoroso, uma edição cuidadosamente organizada, revista e traduzida, contando ainda com a transcrição integral de todas as notas do autor, bem como as anotações do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou. Faz parte ainda do volume uma crônica biográfica de Stalin referente ao período de 1879 a 1906 da vida do grande líder soviético, quando foram escritas as páginas ora organizadas no 1º volume de suas obras completas. Trata-se, pois, de uma edição autorizada, cuja leitura e estudo são tanto mais interessantes quando o livro se refere a um conjunto de estudos, artigos e escritos de juventude, ainda pouco divulgados entre nós, e que revelam desde logo a estatura de Stalin como líder das lutas do proletariado e teórico da revolução.

A iniciativa da prestigiosa editora é, sem dúvida, uma contribuição substancial para o progresso dos estudos marxistas-leninistas entre nós e, como tal, uma contribuição às lutas

de nosso povo pela libertação nacional.

Ao fazermos um primeiro e entusiástico registro desta edição, resta-nos ainda cumprimentar e agradecer à Editorial Vitória pela iniciativa e exprimir-lhe os nossos votos para que logo possa lançar os outros volumes da monumental obra revolucionária de Stalin. Essa edição completada, constituirá uma alavanca para o progresso brasileiro e uma homenagem merecida ao grande líder mundial da luta pela paz e pela libertação nacional dos povos, em todos os quadrantes da terra.

PRISÃO INJUSTA E CRIMINOSA

Elias Chaves Netto é um dos mais destacados jornalistas de São Paulo. Colaborador de FUNDAMENTOS desde os tempos da sua fundação, muito contribuiu para que a nossa revista se tornasse o que é hoje. Basta lembrar duas grandes reportagens que marcaram época, e nas quais ele mostrou um conhecimento profundo da situação econômica do país e dos problemas do povo brasileiro.

Escritor sensível, que alia à vivacidade do repórter a graça e o encanto do cronista, Elias Chaves Netto soube revelar numa reportagem ligeira — De passagem pela terra do cacau, FUNDAMENTOS n. 12 — os fatos fundamentais que condicionam a exploração do trabalhador agrícola no sul da Bahia. E fixar com precisão os traços característicos da vida dos camponeses da região.

Em outro trabalho publicado no número 15 da nossa revista — A alta do café, política de colonização — ele desnuda o verdadeiro conteúdo da onda altista, em torno da qual muita propaganda fizeram os defensores do governo Dutra. Baseando-se em dados irrefutáveis, aponta os maiores beneficiários da alta e os objetivos dos que a provocaram. Graças a este trabalho de Elias Chaves Netto, numa época em que se tentava salvar o grupo governista, naufragado na impopularidade, FUNDAMENTOS pôde levar aos seus leitores a verdade sobre a alta do café, mostrando que o seu único resultado era o incremento da política de colonização do país e que, por isso mesmo, só podia agravar a crise da nossa economia rural.

* * *

Recordando rapidamente estes dois exemplos, desconhecidos dos nossos leitores mais recentes, queremos apenas dar-lhes a medida das capacidades deste velho colaborador de FUNDAMENTOS. Ao tempo em que mostramos porque não

podemos silenciar um protesto indignado ante a arbitrária prisão de nosso antigo companheiro e o processo iníquo que lhe vem sendo movido pelas autoridades militares da Segunda Região.

Há meses já, desde a invasão absurda e violenta da redação do jornal «Hoje», onde se encontrava casualmente, Elias Chaves Netto acha-se segregado do convívio dos seus amigos e da família, impedido de trabalhar por uma grotesca farsa judiciária. O crime de que o acusam ainda não foi caracterizado, nem produzidas as provas do pretense delito. O processo corre sem qualquer base jurídica e Elias Chaves Netto continua prêso, em caráter «preventivo», talvez à espera que os atrabiliários coatores encontrem uma explicação razoável para o seu ato criminoso.

O desejo de silenciar a imprensa democrática e criar ambiente para os golpes com que sonham, leva o governo atual e os poucos sicários militares que pôde arregimentar em nossas Fôrças Armadas, a lançar mão da ilegalidade e da violência, deixando de lado as aparências. E o próprio governador Lucas Garcez, que se pretende um professor universitário no exercício de funções administrativas, mostra que já se deixou desfibrar e amoldar pelas conveniências do cargo que ocupa, compactuando com um crime desta ordem e permitindo que um jornalista inocente permaneça encarcerado.

Apesar da covardia e da prepotência dos seus carcereiros, entretanto, muito breve Elias Chaves Netto voltará a ocupar o seu lugar entre nós. E esse dia de alegria para os nossos leitores e para todos os amigos da cultura e da democracia, será mais um dia de vergonha para os que hoje o mantêm prêso.

A «EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS»

Nos últimos dias de abril, no Rio de Janeiro, no Museu de paredes curvas de Dona Niomar Moniz Sodré, inaugurou-se uma exposição de trabalhos de artistas modernos brasileiros. A seleção das obras, efetuada de acôrdo com o gôsto pessoal dos diretores do Mu-

seu, reuniu um lote bastante heterogêneo e pouco expressivo como conjunto. Ao lado dos grandes nomes da nossa pintura, encontramos ali toda a inumerável chatice dos copiadores de fórmulas e maneirismos da arte européia e americana: gente que nada tem a exibir senão um despuadorado desejo de agradar ao snobismo de certos círculos.

A mostra, entretanto, representa uma consoladora mão de melhora nas atividades do Museu. Desta vez, pelo menos, prestigia-se a arte nacional através dos seus principais representantes; e o critério arbitrário que serviu aos selecionadores, teve o mérito de ser quantitativamente amplo, permitindo a presença de cerca de seis dezenas de artistas, o que já não é pouco. Aliás, esta exposição de arte brasileira deve ser considerada, de algum modo, como um recuo do «mecanato» oficial ante os protestos e o manifesto descontentamento provocados pela Bienal de São Paulo e suas consequências.

Destacam-se, entre os trabalhos apresentados, um excelente «Retrato» de Guignard, alguns dos óleos de Portinari, notadamente a «Mulher de Cangaceiro», testemunho da elevada qualidade a que atingiu o nosso maior pintor, as marinhas de José Pancetti, «A jovem de cabelos compridos» de Segall, as gravuras de Goeldi, Darel e Poti, e dois quadros de Clovis Graciano.

O SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA

Inaugurou-se em meados de maio, no prédio do Ministério da Educação, o I Salão Nacional de Arte Moderna, criado para substituir a Divisão Moderna do velho Salão de Belas Artes, tradicionalmente realizado na segunda metade de cada ano. O dispositivo legal que determinou a sua criação, introduziu modificações em todas as atividades governamentais referentes às artes plásticas. Resultado de um projeto apresentado há alguns anos pelo então deputado Jorge Amado, e posteriormente bastante distorcido, o dispositivo legal em questão traz ainda alguns benefícios para os artis-

tas, notadamente a duplicação dos prêmios de viagem e a criação de prêmios menores em dinheiro. No terreno da organização, contudo, entre outras coisas, reduz para três os membros do júri, medida absurda que diminui consideravelmente a participação dos expositores na escolha dos que irão julgar os seus trabalhos, submetendo-os assim, quase por completo, ao arbítrio dos delegados governamentais. Um júri reduzido, além do mais, estará facilmente sujeito ao domínio desta ou daquela panelinha, ao contrário do que antes acontecia, pois dentre os vinte e cinco jurados que anualmente eram escolhidos (dez eleitos e quinze nomeados) forçosamente se encontravam representantes das diversas correntes e grupos. O júri de três membros, enfim, muito dificilmente poderá reunir elementos capazes de julgar os trabalhos apresentados a cada uma das várias seções, o que supõe um conhecimento aprofundado e pertinente de gêneros tão diversificados quanto a gravura e a escultura, a pintura, a arquitetura e o desenho artístico. O júri por seções, cinco jurados para cada seção, anteriormente existente, sem dúvida nenhuma estava capacitado para julgar com maior justiça e conhecimento de causa e se adaptava melhor às necessidades de um verdadeiro Salão Nacional de Belas Artes.

* * *

O júri reduzido, contudo, teve pelo menos o mérito de definir as responsabilidades.

Este ano não se poderá dispensar e disfarçar a culpa pelos erros cometidos. Se, nos trabalhos de seleção, predominou de modo absoluto o critério do protecionismo e da acomodação, e artistas de valor viram recusados os seus envios enquanto que uma coleção de estrupícios era bem aceita, os responsáveis são os três juizes: Campofiorito, Stokinger e Perez Rubio. Como são ainda eles os únicos responsáveis pela atribuição indefensável dos prêmios maiores (de resto clandestinamente concertada, em suas linhas gerais, muito antes da abertura do Salão) a um quadro positivamente ruim de Inimá de Paula, que nada

progrediu, e aos cansativos exercícios gráficos de Marcelo Grassman que, há tempos já, aplica a sua impecável técnica de artezão hábil em multiplicar uma coleção de monstros inexpressivos, seguindo uma fórmula bastante surrada.

Infelizmente, não é possível fazer aqui, como desejaríamos, a análise detida do Salão Moderno de 1952, bem mais fraco que o do ano passado. Fiquem, entretanto, estes primeiros reparos, anunciando uma crítica circunstanciada que publicaremos oportunamente. F.J.P

A EXPOSIÇÃO DE REBOLO

Este mês de maio paulista, no campo das artes plásticas, deixou-se marcar pela exposição de Rebolo Gonzales, comemorativa do vigésimo-quinto aniversário das atividades artísticas deste pintor.

As trinta e poucas telas oferecidas à visitação pública no Salão do Clube dos Artistas, mostram que Rebolo trabalha ainda hoje com o mesmo entusiasmo e a mesma alegria dos primeiros tempos. São paisagens, quasi todas sem figuras, vasos de flores, retratos, dos quais se desprende uma poesia simples, uma graça modesta de arrabalde, que nos reconcilia com o mundo e nos libertam, por um momento, da vida conturbada e tensa que vivemos. A pintura de Rebolo situa-se nitidamente, com efeito, nos quadros desta corrente idílica que tem dado boa parte da melhor arte nacional.

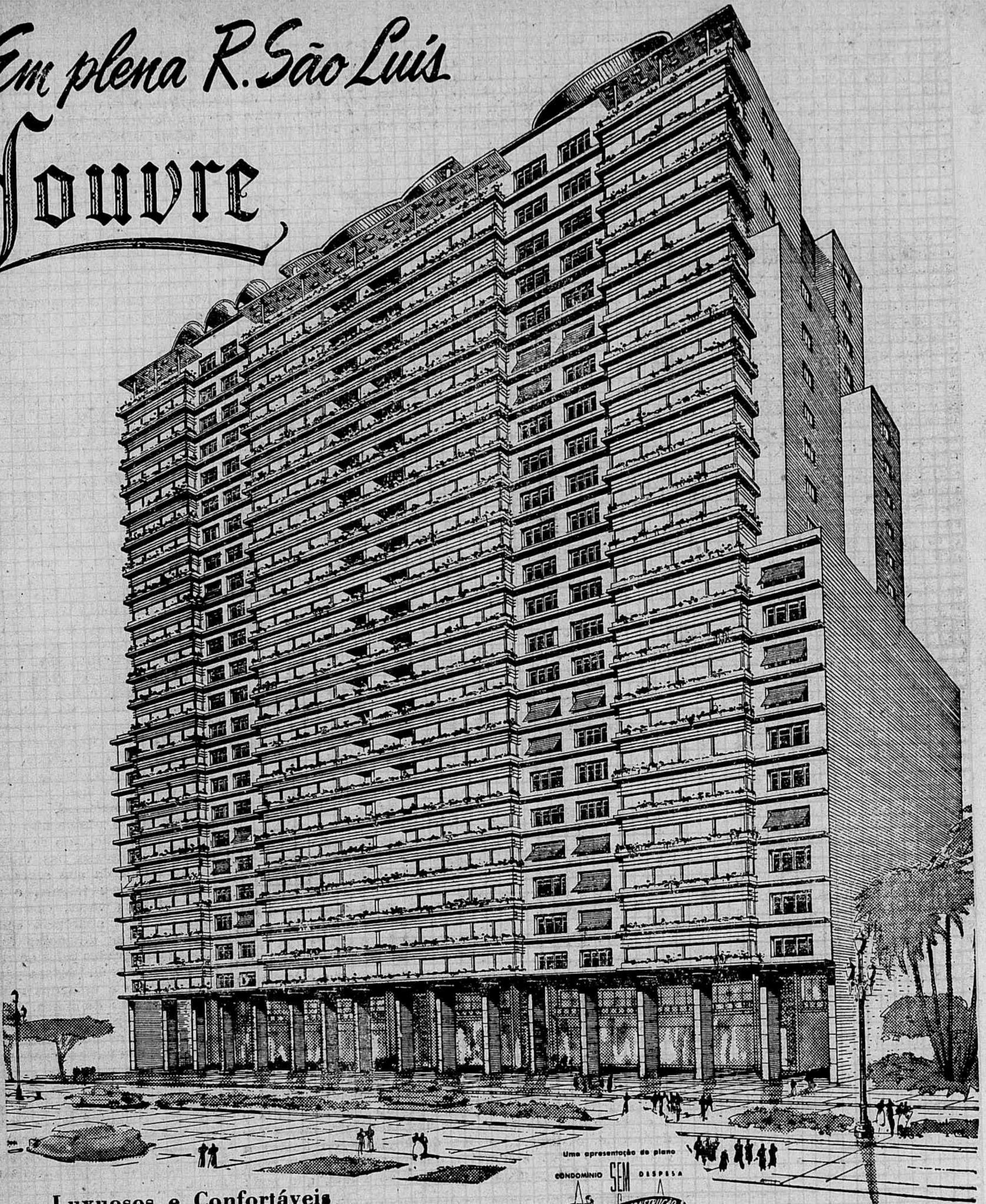
Pena que o pintor não seja mais ele mesmo, não se apoie com mais firmeza nas verdadeiras fontes da sua sensibilidade e do seu talento, e se perca, tantas vezes, correndo atrás de uma aparência «moderna» ou das duvidosas fórmulas consagradas pelos outros grandes nomes da pintura paulista. Rebolo é uma das mais puras reservas de nossa arte. Sua franqueza, a ingenuidade que ilumina as suas melhores paisagens, são um excelente reflexo de um modo de sentir bem próprio da nossa gente, muito humano e simples, e que não gostaríamos de ver perdido. Seria triste e penoso para nós, se ele se deixasse dominar pelos maneirismos da moda.

ÍNDICE GERAL DE FUNDAMENTOS.

Comemorando o quarto aniversário de FUNDAMENTOS, que transcorre neste mês de junho, publicaremos, em julho próximo, um *Índice Geral de Autores e Matérias*, referente aos 28 números editados até a presente data. Este *Índice*, que está sendo elaborado por José Eduardo Fernandes, companheiro de Monteiro Lobato na fundação desta revista e um dos seus mais dedicados e constantes redatores, permitirá aos nossos assinantes um manuseio mais fácil das suas coleções e dará a todos a possibilidade de examinar a amplitude do nosso quadro de colaboradores e a variedade de assuntos tratados em todos os campos da cultura.

Aos interessados, comunicamos que a Redação dispõe ainda de exemplares de todos os números atrasados, à exceção dos números 1 e 12.

Em plena R. São Luís
Louvre



Luxuosos e Confortáveis
 Apartamentos com
 Entradas a partir de
Cr\$ 25.000,00

*Expediente Ininterrupto
 das 8,30 às 22 horas*

HEGUI publicidade

Uma apresentação de plano

CONDOMÍNIO SEM DESPESA

PELO PREÇO DE CONSTRUÇÃO

Marca e símbolo registrados na D.N.R.I.



MONÇÕES

CONSTRUTORA E IMOBILIÁRIA S/A

(afiliada ao Sindicato dos Corretores de Imóveis)

R. BARÃO DE ITAPETINGA, 140 - 14.º and - Tel.: 36-8131 (rede interna)